



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LÍNGUA INGLESA,
SUAS LITERATURAS E TRADUÇÃO
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

NAYA JUANA DOS SANTOS LIMA

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE
DOCENTE ENQUANTO PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA

FORTALEZA

2023

NAYA JUANA DOS SANTOS LIMA

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE DOCENTE
ENQUANTO PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA

Trabalho de Conclusão do Curso de Letras -
Língua Inglesa e suas Literaturas, do Centro de
Humanidades da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciatura em Letras - Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Andreia Turolo da
Silva

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L699r Lima, Naya.
RELATO DE EXPERIÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE DOCENTE
ENQUANTO PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA / Naya Lima. – 2023.
50 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Curso de Letras (Inglês), Fortaleza, 2023.
Orientação: Profª. Dra. Andreia Turolo da Silva.

1. identidade docente. 2. emoções. 3. crenças. 4. ensino-aprendizagem de língua inglesa. 5. pesquisa
narrativa autobiográfica. I. Título.

CDD 420

NAYA JUANA DOS SANTOS LIMA

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE DOCENTE
ENQUANTO PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA

Trabalho de Conclusão do Curso de Letras -
Língua Inglesa e suas Literaturas, do Centro de
Humanidades da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciatura em Letras - Inglês.

Aprovado em: 05/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Andreia Turolo da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Diana Costa Fortier Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Diego Napoleão Viana Azevedo
Universidade Estadual do Ceará (UFC)

Aos meus queridos pais, Edinir e Joel.

RESUMO

O artigo consiste em um relato de experiência com foco na construção da identidade docente da pesquisadora enquanto atua como professora de língua inglesa, usando como base os estudos de Kanno e Stuart (2011), Schutz e Zembylas (2009), Barcelos e Ruohotie-Lyhty (2018) e Pavlenko (2007) sobre a formação da identidade de professores de inglês, crenças e emoções durante a formação docente e pesquisa narrativa autobiográfica. Dentre os objetivos do estudo estão analisar a experiência da pesquisadora, antes e depois de se tornar professora de língua inglesa, com o intuito de investigar seu próprio desenvolvimento e construção da identidade docente. Além disso, o artigo também busca compreender o sistema motivacional da pesquisadora enquanto professora, suas emoções, medos, desafios e crenças em relação ao ensino-aprendizagem de língua inglesa. No que diz respeito à metodologia, foram feitas análises temáticas com o intuito de responder às seguintes questões: como as motivações, medos, desafios, emoções e crenças da pesquisadora influenciam a construção de sua identidade docente; em que aspectos sua jornada enquanto estudante de língua inglesa afetam sua atuação como professora; e em que momento ela passa a se reconhecer não mais como apenas aprendiz de língua inglesa e sim como uma verdadeira profissional da área. Por fim, os resultados finais da pesquisa apontam que a construção da consciência da trajetória da pesquisadora enquanto estudante, suas crenças e emoções influenciam a formação da sua identidade docente de forma significativa, pois estes fatores moldam todo o seu desenvolvimento profissional e pessoal enquanto professora de inglês.

Palavras-chave: identidade docente; ensino-aprendizagem de língua inglesa; crenças; emoções; pesquisa narrativa autobiográfica.

ABSTRACT

The article consists of an experience report focusing on the construction of the researcher's teaching identity while working as an English language teacher, based on the studies of Kanno and Stuart (2011), Schutz and Zembylas (2009), Barcelos and Ruohotie-Lyhty (2018), and Pavlenko (2007) on the formation of English teachers' identities, beliefs and emotions during teacher training and autobiographical narrative research. The objectives of the study are to analyze the researcher's entire experience, before and after becoming an English language teacher, and to investigate her own development and the construction of her teaching identity. Furthermore, the project also aims to understand the researcher's motivational system as a teacher, her emotions, fears, challenges, and beliefs concerning teaching and learning the English language. Regarding the methodology, thematic analyzes were carried out to answer the following questions: how did the researcher's motivations, fears, challenges, emotions, and beliefs influence the construction of her teaching identity; in what aspects her journey as an English language student affects her performance as a teacher; and at which moment she starts to recognize herself no longer as just an English language learner but as a true professional in the field. Finally, the conclusions of the research indicate that the construction of the awareness of the researcher's journey as a student, her beliefs, and emotions influence the formation of her teaching identity in a significant way, as these factors can shape all her professional and personal development as an English language teacher.

Keywords: teaching identity; English language teaching-learning; beliefs; emotions; autobiographical narrative research.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

L2	Segunda Língua
EUA	Estados Unidos da América
ESL	English as a Second Language - Inglês como Segunda Língua

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1	O desenvolvimento da identidade docente durante a prática	8
2.2	Estudo das emoções na formação docente	9
2.3	Estudo de crenças na formação docente	11
3	ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	14
3.1	A pesquisa narrativa autobiográfica	14
3.2	A construção das minhas narrativas autobiográficas	16
4	ANÁLISE DE DADOS	18
4.1	Emoções: insegurança e timidez X autoconfiança e independência	18
4.2	Crenças: interações significativas dentro e fora de sala de aula	19
4.3	Desafios do autodidatismo: fonética, gramática e pronúncia	21
4.4	Mudança de identidade: busca por aprimoramento e satisfação	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	26
	ANEXO A - AUTOBIOGRAFIA DE APRENDIZ	27
	ANEXO B - DIÁRIOS REFLEXIVOS	37

1 INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que a caminhada docente se dá através de um longo e árduo processo, que embora também traga frutos de valor imensurável para todos os envolvidos, muitas vezes pode se mostrar como uma jornada difícil, cheia de dúvidas e até assustadora quando vista pelos olhos de jovens professores ainda engatinhando rumo a seus objetivos. Nesse sentido, quando nos referimos ao ensino de língua inglesa, a profissão de professor pode acabar tomando rumos ainda mais desafiadores. Foi refletindo sobre tais angústias, questionamentos e aprendizados vivenciados durante meus primeiros passos enquanto professora que surgiu então o desejo de ir mais a fundo nessa temática. Frente a isso, um dos pontos que mais me chamou a atenção durante meu desenvolvimento profissional foi o fato de que a grande maioria, senão todos os professores de língua inglesa ou de qualquer outra língua estrangeira são, antes de tudo, aprendizes daquela língua.

Dessa ideia emergiram vários novos questionamentos, como por exemplo, de que forma e até que ponto minha trajetória pessoal enquanto estudante de língua inglesa afeta minha construção enquanto docente nessa mesma área? Não obstante, a formação acadêmica do professor de língua inglesa também pode ser tomada como origem para diversas inseguranças, pois, ainda que na faculdade passemos a conhecer dezenas de teorias e estudos que destrincham o ensino-aprendizagem de inglês quase por completo, quando adentramos a parte prática da profissão, os obstáculos encontrados podem ser intimidantes e até nos levar a questionar nosso próprio desempenho. Com muitas perguntas em mente e poucas respostas práticas, o professor em formação pode, durante sua caminhada, encontrar dificuldades para se manter motivado, o que demonstra ainda mais a necessidade de um trabalho de autoconhecimento, pois sem saber quais suas fontes de motivação e como trabalhar suas próprias emoções em sala de aula, a prática do ensino pode se tornar ainda mais limitada.

Para reforçar a importância de colocar este tema em evidência, basta explorar brevemente o cenário atual das pesquisas relacionadas à identidade docente: “[...] nas últimas duas décadas, poucos estudos acompanharam o desenvolvimento de professores iniciantes de L2 ao longo do tempo, e ainda menos focaram especificamente no desenvolvimento da identidade do professor.”¹ (KANNO; STUART, 2011, p. 236). Esta passagem é apenas um dos exemplos que comprovam a relevância e a necessidade dos estudos voltados para o

¹ Tradução livre. No original: “over the past 2 decades, few studies have followed novice L2 teachers’ development over time, and still fewer have focused specifically on teacher identity development.” (KANNO; STUART, 2011, p. 236)

desenvolvimento docente, tendo em vista que a escassez de pesquisas nesta área deixam abertas lacunas que, ao serem preenchidas, poderiam beneficiar toda a comunidade docente.

Com o intuito de solucionar estas e outras questões, o presente estudo consiste em um relato de experiência no qual pretendo analisar minha própria trajetória desde o início desse processo até o momento atual de minha carreira, a fim de esclarecer, dentro do possível, como se dá a construção da minha identidade docente enquanto professora de língua inglesa, considerando os recortes da minha própria vivência. Assim sendo, o estudo em questão tem como objetivo propor uma análise qualitativa, de cunho reflexivo, que busca investigar meu desenvolvimento docente enquanto atuo como professora de língua inglesa, usando como base alguns estudos sobre a formação da identidade de professores de inglês, crenças e emoções durante a formação docente e pesquisa narrativa autobiográfica.

A fim de trazer uma análise ainda mais profunda e completa, este estudo também visa explorar minha experiência enquanto estudante de língua inglesa, montando um paralelo entre minhas vivências enquanto estudante e professora, além de buscar compreender meu sistema motivacional enquanto professora, minhas emoções, medos, desafios e crenças em relação ao ensino-aprendizagem de língua inglesa de modo sistemático.

Diante do exposto, as questões de pesquisa que nortearão o presente estudo são:

Questão de Pesquisa 1 - Como se dá a construção da minha identidade enquanto professora de língua inglesa?

Questão de Pesquisa 2 - Quais são as minhas motivações, emoções, medos e desafios e como esses aspectos influenciam a construção da minha identidade docente?

Questão de Pesquisa 3 - Quais são as minhas crenças acerca do ensino-aprendizagem de língua inglesa e como elas influenciam a construção da minha identidade docente?

Questão de Pesquisa 4 - De que forma e até que ponto minha trajetória pessoal enquanto estudante de língua inglesa afeta meu desenvolvimento enquanto docente nesta mesma área?

Por fim, a hipótese principal do meu estudo é de que a construção da consciência das identidades, emoções, crenças e motivações de um professor pode influenciar o seu desenvolvimento docente de forma positiva, pois essa autoanálise torna possível a abertura de novas trilhas de crescimento e aprimoramento profissional e pessoal do professor de língua inglesa. É esperado também que este artigo sirva para iluminar os caminhos de possíveis novos professores em formação, auxiliando-os a entender um pouco mais sobre sua própria jornada como docente, abrindo espaços para o autodescobrimento e demonstrando a importância de se autoanalisar, autoavaliar, e, com isso, desmistificar e solucionar algumas dúvidas sobre o processo de construção da identidade docente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O contato real com a sala de aula geralmente requer algumas habilidades bem específicas, como inteligência emocional para lidar com momentos de tensão em sala de aula, e a capacidade de avaliar o contexto social, o nível de proficiência e as necessidades dos alunos, para só então poder selecionar e pôr em prática a abordagem de ensino considerada mais adequada para aquela realidade educacional. Levando isto em consideração, a experiência em sala de aula pode acarretar em momentos bastante frustrantes e até desastrosos quando não se tem experiência nem os aparatos necessários para empregar tais estratégias.

Por esta razão, os estudos sobre desenvolvimento emocional, identidade docente e seus impactos na educação vêm gradativamente se tornando fundamentais no âmbito educacional, principalmente por conta das inúmeras dificuldades enfrentadas por professores iniciantes na profissão, o que se evidencia em obras como a de Schutz e Zembylas (2009), Kanno e Stuart (2011) e Barcelos e Ruohotie-Lyhty (2018). Todavia, como aspecto positivo, pode-se destacar que, atualmente, já foram verificados inúmeros avanços nesse sentido e algumas destas valiosas colaborações serão utilizadas para fundamentar o presente estudo.

2.1 O desenvolvimento da identidade docente durante a prática

Como já mencionado, existe atualmente uma inegável necessidade de se explorar mais profundamente o desenvolvimento da identidade docente, e isso pode ser feito através do estudo de como ocorre a formação, tanto acadêmica quanto prática, destes professores. Partindo dessa necessidade, pretendo usar como base para meu estudo as contribuições de alguns estudiosos que já iniciaram suas pesquisas dentro desta temática, como Yasuko Kanno e Christian Stuart, por exemplo, em seu artigo intitulado “*Learning to Become a Second Language Teacher: Identities-in-Practice*”. Neste trabalho, os pesquisadores acompanharam dois alunos de pós-graduação em um programa de mestrado para professores de inglês em uma universidade dos EUA, enquanto eles davam aulas de ESL pela primeira vez.

Em uma das passagens, os autores fazem a seguinte constatação: “Para nossos dois participantes, Amy e John, a prática em sala de aula ajudou a nutrir suas identidades de professor, e suas identidades emergentes, por sua vez, moldaram sua prática.”² (KANNO;

² Tradução livre. No original: “For our two participants, Amy and John, classroom practice helped nurture their teacher identities, and their emerging identities in turn shaped their practice.” (KANNO; STUART, 2011, p. 237)

STUART, 2011, p. 237). Este trecho demonstra claramente a relação de codependência entre identidade docente e prática docente, que compõe um dos temas principais a serem abordados no presente estudo. Além disso, o artigo citado também traz à tona uma esclarecedora discussão sobre em que momento e o que é necessário para que um professor em formação abandone a identidade de aluno e adote a identidade de professor. Com base nisso, pretendo investigar minha própria experiência a fim de avaliar o quão desafiador pode ser para jovens professores passarem a se enxergar como verdadeiros profissionais da educação e a relação dessa transformação de identidade com a autoconfiança e autoestima dos mesmos.

2.2 Estudo das emoções na formação docente

Em geral, não se pode fugir do fato de que as emoções de um professor têm o poder de impactar fortemente a construção de sua carreira e identidade docente, podendo até se mostrar essenciais durante esse processo, tendo em vista que não há como separar um professor de suas emoções ou impedir que elas tenham impacto em sua jornada profissional. A verdade é que a natureza emocional da profissão docente pode ser crucial para definir o futuro da carreira de um professor, como exposto por Schutz e Zembylas (2009, p. 3):

Por exemplo, ensinar é uma ocupação que envolve um trabalho emocional considerável. Trabalho emocional envolve o esforço, planejamento e controle que os professores precisam para expressar emoções organizacionalmente desejadas durante as transações interpessoais. Como tal, o trabalho emocional tem sido associado à insatisfação no trabalho, sintomas de saúde e exaustão emocional, que são componentes-chave do burnout e relacionados a professores que abandonam a profissão (Jackson et al. 1986; Maslach 1982; Morris e Feldman 1996; Schaubroeck e Jones 2000).³ (SCHUTZ; ZEMBYLAS, 2009, p.3)

Como observado, o excesso de trabalho emocional é um fator preocupante dentro da esfera docente, pois suas consequências são muitas vezes um preço muito alto a se pagar. Por este motivo é que se faz ainda mais essencial que nos aprofundemos no estudo das questões emocionais ligadas à prática docente, a fim de obter uma melhor compreensão sobre de que formas o sistema emocional de um professor pode afetar sua carreira e sua vida.

³ Tradução livre. No original: “For example, teaching is an occupation that involves considerable emotional labor. Emotional labor involves the effort, planning, and control teachers need to express organizationally desired emotions during interpersonal transactions. As such, emotional labor has been associated with job dissatisfaction, health symptoms and emotional exhaustion, which are key components of burnout and related to teachers who drop out of the profession (Jackson et al. 1986; Maslach 1982; Morris and Feldman 1996; Schaubroeck and Jones 2000).” (SCHUTZ; ZEMBYLAS, 2009, p.3)

Ao abordar questões relacionadas ao trabalho emocional proeminente na profissão de educador, principalmente se tratando de professores iniciantes, o medo evidentemente se mostra como uma das emoções mais constantes e desafiadoras. O ensino de língua inglesa, por sua vez, pode vir em conjunto com uma porção de questões específicas que podem despertar medo e ansiedade em profissionais da área, como a falta de domínio de gramática, a dificuldade em falar em público e o gerenciamento de tempo, por exemplo. Diversas vezes, a carga de ansiedade gerada por esses medos é tão grande que o aprendizado dos alunos acaba ficando em segundo plano e conseqüentemente sendo negligenciado, pois o professor só consegue focar em executar o que foi planejado, sem parar para avaliar o que está sendo absorvido pelos alunos ou quais são suas necessidades naquele momento:

Numrich descobriu que apenas no final do estágio é que os professores em formação se tornam conscientes da sua falta de preocupação com as necessidades e a aprendizagem dos alunos. Professores de L2 novatos também tendem a ficar desconcertados com as perguntas inesperadas dos alunos e tendem a ver suas iniciativas como distrações e como uma ameaça ao seu controle instrucional (Johnson, 1992). Em vez de incorporar as contribuições dos alunos no seu ensino, os novatos tendem a ignorá-las num esforço para recuperar o controle.⁴ (KANNO; STUART, 2011, p. 237)

Como exemplificado no trecho acima, o medo de falhar é responsável por provocar em professores iniciantes uma busca excessiva por controle, o que põe em risco tanto sua produtividade quanto a efetividade do que está sendo ensinado. Essa necessidade de controle dentro da sala de aula pode ser diretamente relacionada ao excesso de trabalho emocional trazidos pelo medo e a ansiedade. Afora isso, é essencial destacar o quão prejudiciais estes fatores podem ser para a construção do ritmo da aula, pois, como mencionado acima, muitas sugestões, perguntas e contribuições dos alunos são ignoradas em detrimento do controle instrucional do professor. Conclui-se que, por medo de perder o controle do tempo e do andamento da aula, o professor mantém seu foco apenas no que havia sido planejado previamente, o que impede a aula de seguir um ritmo mais dinâmico e leve.

Em outras palavras, estas circunstâncias barram uma participação maior dos alunos e podem fazer com que as aulas assumam um formato mais engessado e não muito flexível, além de posicionar o foco totalmente na performance do professor e não na aprendizagem dos alunos. O medo de não ser levado a sério, a falta de autoconfiança e a

⁴ Tradução livre. No original: “Numrich found that only toward the end of the practicum do student teachers become aware of their lack of concern with student needs and learning. Novice L2 teachers also tend to be thrown off by students’ unexpected questions and tend to view student initiations as off-task and a threat to their instructional control (Johnson, 1992). Instead of incorporating students’ contributions into their instruction, novices tend to ignore them in an effort to regain their control.” (KANNO; STUART, 2011, p. 237)

pressão para não cometer erros são apenas alguns dos fatores que constituem o fardo emocional que muitas vezes faz com que professores iniciantes se cobrem ainda mais. Essa cobrança, seguida por um esforço descomunal para superá-la, pode resultar em professores emocionalmente exaustos e na total perda do tão desejado controle instrucional. Neste sentido, vale a pena inclusive questionar até que ponto essa busca pelo controle instrucional é realmente necessária e benéfica dentro da sala de aula.

Por um lado, é possível compreender algumas das razões por trás desta busca, pois ao sentir que está no controle do que acontece em suas aulas, o professor aumenta sua autoconfiança, que vem acompanhada das sensações de dever cumprido e de satisfação, que também são sentimentos que valem a pena serem investigados dentro do campo das emoções de professores de língua inglesa. Tanto é assim que essa busca por controle se mostra na verdade como um desejo por “satisfação”, ou apenas a vontade de sentir que o seu dever foi devidamente cumprido. Neste caso, o cerne da questão está justamente no nível de controle que o professor deve buscar, pois um nível excessivo de controle sobre sua prática pode resultar em aulas engessadas e pouco dinâmicas, como já mencionado, enquanto que ao abrir mão de um pouco desse controle, o professor pode garantir uma maior fluidez em suas aulas, com mais participação e produção da parte dos alunos, que voltam a ser o foco educacional.

Frente a isso, o que eu quero dizer é que a reflexão sobre sentimentos como medo, ansiedade e satisfação é apenas um ponto de partida para o estudo das emoções dentro da prática docente, que é um dos focos principais do presente trabalho. Como professora de língua inglesa em formação, eu também fui e continuo sendo impactada por estes conflitos de sentimentos que acompanham toda a nossa jornada, que antes de qualquer coisa, é uma profissão que envolve um trabalho emocional expressivo. Trabalho este que, novamente, requer uma atenção maior e merece ser estudado e abordado com o devido cuidado, com o objetivo de buscar não só a compreensão de tais sentimentos, mas também formas de lidar com eles em prol do próprio aprimoramento profissional.

2.3 Estudo de crenças na formação docente

Visto que o estudo das emoções de um professor constitui um dos maiores focos desta pesquisa, é indispensável reservar também um espaço para a investigação das crenças a respeito do ensino-aprendizagem de língua inglesa e do seu papel para o desenvolvimento da identidade docente. O motivo pelo qual se faz necessário que se dê uma atenção especial a

este aspecto é que as crenças são consideradas como um dos fatores pessoais que estão diretamente associados às emoções de um professor de segunda língua:

Pesquisadores em áreas como a psicologia social (Frijda et al. 2000) e a educação (Rosiek 2003; Gill e Hardin 2014) salientaram como as emoções moldam e são moldadas pelas crenças. Isto sugere também que as emoções e as crenças estão fundamentalmente interconectadas nos processos de tomada de decisão dos indivíduos, com as emoções fornecendo o impulso necessário para a mudança e as crenças decidindo o curso das ações. Para ter uma visão completa das crenças dos professores de segunda língua, é crucial ter uma compreensão clara dessas conexões fundamentais.⁵ (BARCELOS; RUOHOTIE-LYHTY, 2018, p. 109)

Como destacado repetidas vezes neste estudo, tanto o aprendizado quanto o ensino de língua inglesa se constituem como processos que demandam uma grande variedade de recursos cognitivos e emocionais. Por conta desta demanda, torna-se urgente a necessidade de trabalhar as emoções, o desenvolvimento das habilidades sociais, interacionais e de gerenciamento de crises de professores iniciantes. Entretanto, o que se vê na realidade é na verdade o oposto: jovens professores de línguas, apesar de estarem munidos das teorias mais atuais sobre como aprender um idioma, acabam sendo afetados pela negligência em relação ao treinamento e especialização voltados para as habilidades sociais e emocionais, e a carência de professores de línguas no mercado de trabalho faz com que estes entrem em sala de aula ainda despreparados e cada vez mais cedo.

Essas condições por si só, junto com a falta de compreensão da natureza emocional da profissão de educador já explicam a tendência que muitos professores novatos têm a recorrerem a métodos de ensino emocionalmente deficientes e até mesmo autoritários, o que geralmente acaba nutrindo sentimentos de culpa e insatisfação profissional. Através desta discussão, é possível fazer um paralelo entre estes aspectos emocionais e sua relação com as crenças sobre ensino e aprendizagem de língua inglesa, já que estes dois elementos (emoções e crenças) estão inevitavelmente interligados. Apesar de representarem conceitos diferentes, a relação entre crenças e emoções é fluida e mútua, e influencia a prática de professores tanto dentro da sala de aula quanto fora dela, podendo gerar consequências muito mais complexas do que o esperado. Por isso, é inegável a relevância do estudo das crenças para um maior entendimento das questões relacionadas ao desenvolvimento da identidade docente:

⁵ Tradução livre. No original: “Researchers in fields such as social psychology (Frijda et al. 2000) and education (Rosiek 2003; Gill and Hardin 2014) have pointed out how emotions shape and are shaped by beliefs. These suggest also that emotions and beliefs are fundamentally interconnected in individuals’ decision-making processes, with emotions providing the necessary impetus for change and beliefs deciding the course of actions. In order to have a complete view of second language teachers’ beliefs, it is crucial to have a clear understanding of these fundamental connections.” (BARCELOS; RUOHOTIE-LYHTY, 2018, p. 109)

Crenças de professores começaram a ser vistas como importantes porque ajudam: (a) os professores a refletir sobre sua prática e a compreender alguns dos conflitos e resistências que podem ocorrer na sala de aula; (b) os pesquisadores a compreender porque os professores agem de determinada forma, como respondem às mudanças e como aprendem a ensinar.⁶ (BARCELOS; RUOHOTIE-LYHTY, 2018, p. 111-112)

A pressão e os desafios encontrados ao dar início a carreira no campo docente exigem de professores novatos a imediata capacidade não só de avaliar situações e contextos específicos de forma inteligente, mas também de tomar decisões rápidas e precisas para solucionar possíveis problemas. Contudo, já é sabido que tais habilidades não são tão fáceis de se adquirir, e na verdade, é apenas através da prática e com o passar do tempo que estas ferramentas vão sendo lapidadas até se tornarem menos desafiadoras. Com a falta de experiência, é bastante comum que professores em formação, ao se depararem com conflitos emergentes dentro do ambiente escolar se vejam munidos apenas do próprio julgamento, e é aqui que geralmente entram os reflexos de suas próprias crenças e emoções.

Em situações como esta, professores tendem a se basear em sua própria trajetória e experiência pessoal em busca de possíveis soluções, alternativas e estratégias. Por exemplo, ao se ver de frente a um cenário incomum, o docente pode recorrer às memórias de quando ele mesmo estava na posição de estudante e buscar em seu próprio histórico de vida exemplos de estratégias eficientes que foram usadas por outros professores para solucionar conflitos semelhantes, com a crença de que obterá o mesmo sucesso. Este simples exemplo já evidencia o quanto nossas experiências e crenças pessoais são capazes de moldar nossa prática educacional, e que, se tratando de professores iniciantes, elas podem se estabelecer como influências decisivas, principalmente nos primeiros anos do exercício da profissão.

Com isto, fica a cargo do próprio professor a necessidade de avaliar e refletir sobre suas crenças com relação ao ensino e aprendizagem de língua inglesa, tendo em vista a dimensão dos impactos de tais processos em sua prática. Sem dúvidas, este processo de autoavaliação envolve um alto investimento de tempo e esforço pessoal da parte destes profissionais, que, na maioria das vezes, infelizmente não dispõem de uma grande quantidade destes recursos. Em resumo, a carência de uma reflexão efetiva e mais aprofundada sobre o impacto de crenças pessoais sobre o ensino de língua inglesa deixa aberta mais uma lacuna no desenvolvimento e aprimoramento profissional de professores em formação.

⁶ Tradução livre. No original: “Teacher beliefs began to be seen as important because they help: (a) teachers reflect about their practice and understand some of the conflicts and resistance that may occur in the classroom; (b) researchers understand why teachers act the way they do, how they respond to change, and how they learn how to teach.” (BARCELOS; RUOHOTIE-LYHTY, 2018, p. 111-112)

3 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

3.1 A pesquisa narrativa autobiográfica

Uma vez que a presente pesquisa se trata de um relato de experiência, é importante ressaltar que ela traz em sua essência muitos elementos autobiográficos e de cunho pessoal. Portanto, para concluir esta seção, escolhi então mais um estudo que para ser utilizado como fundamentação teórica para o presente projeto: o artigo “*Autobiographic Narratives as Data in Applied Linguistics*”, de Aneta Pavlenko (2007), no qual a autora debate amplamente sobre as abordagens atuais para a análise de narrativas autobiográficas que têm como objetivo geral compreender como se dá a construção das identidades individuais dos participantes da pesquisa, no caso deste estudo, a própria pesquisadora.

Em seu artigo, ao se referir a dados retirados de narrativas autobiográficas, a autora levanta a seguinte problemática: “Uma vez coletados, no entanto, pesquisadores iniciantes geralmente não sabem o que fazer com eles [...]”⁷ (PAVLENKO, 2007, p. 163). Na intenção de evitar esta armadilha, utilizei o trabalho de Pavlenko como referência para realizar um estudo um pouco mais aprofundado sobre como analisar este tipo específico de narrativa e quais métodos utilizar, a fim de alcançar resultados mais precisos.

Antes de qualquer coisa, a escolha de trabalhar sob a perspectiva de uma narrativa autobiográfica se deu porque, como já explicado, para analisar a construção da identidade docente do professor de língua inglesa se faz necessário retratá-lo como um ser humano que possui suas próprias emoções, crenças e objetivos, para que a pesquisa não fosse feita de forma superficial e que o resultado final fosse o mais próximo possível da realidade. Tendo dito isso, dentre os métodos de análise apresentados por Pavlenko está a análise da realidade do sujeito ou *subject reality*, que consiste em examinar os pensamentos e sentimentos do sujeito em relação ao seu próprio processo de aprendizagem da língua, suas atitudes, reações, visões e opiniões com relação aos idiomas em questão. Este método se mostra vantajoso para os objetivos almejados neste estudo pois pode evidenciar com mais facilidade padrões de comportamento, temas mais sensíveis e questões emergentes que poderiam passar despercebidas em outros contextos de análise.

Esta ferramenta de análise também se adequa perfeitamente ao formato deste trabalho pois torna possível investigar mais profundamente minha jornada como aprendiz de língua inglesa, para que sejam feitas as devidas comparações, conexões e diferenciações entre

⁷ Tradução livre. No original: “Once they have been collected however, novice researchers often do not know what to do with them [...]” (PAVLENKO, 2007, p. 163)

minhas imagens enquanto aluna e professora. Para viabilizar a concretização de propostas como esta, Pavlenko sugere justamente que seja feita uma busca cuidadosa dentro destas narrativas autobiográficas com o intuito de fazer um levantamento dos temas emergentes, tendências, padrões e categorias considerados relevantes para a pesquisa. Por outro lado, a autora também destaca em sua obra algumas falhas comumente cometidas por pesquisadores que se utilizam do método descrito acima. Ela evidencia que o ato de listar aleatoriamente variados aspectos pertinentes encontrados dentro de narrativas autobiográficas não se configura por si só como uma “análise”, e é indispensável que o pesquisador se atente também a questões como o que exatamente esses temas refletem e como eles estão interligados entre si, por exemplo.

Pavlenko define esta listagem de temas relevantes e passíveis de análise como “tematização”, e a estabelece como um estágio preliminar de investigação que não deve ser confundido com análise. Não obstante, a autora também defende que o conteúdo narrativo-autobiográfico não pode ser analisado separadamente de seu contexto e forma, além de salientar outros passos importantes para uma análise bem sucedida:

Para fornecer análises que vão além de uma atividade de listagem, os pesquisadores precisam adotar uma estrutura teórica específica que lhes permita esclarecer a natureza de suas categorias conceituais e identificar as ligações entre os temas recorrentes e as construções conceituais (para exemplos de tais análises em uma variedade de estruturas, ver Granger 2004; Norton 2000; Pavlenko e Lantolf 2000; Schumann, J. 1997). Os analistas também precisam considerar os meios linguísticos utilizados pelos narradores para posicionarem a si próprios e aos outros (cf. Granger 2004; Pavlenko 2003) e para dar sentido às suas experiências de vida (cf. Treichel 2004; Yelenevskaya e Fialkova 2003).⁸ (PAVLENKO, 2007, p. 167-168).

Segundo a autora, uma estrutura teórica bem definida é primordial para que se alcancem os objetivos finais de uma pesquisa autobiográfica, e ela ressalta também que os meios linguísticos presentes nas narrativas não podem ser deixados de lado durante a análise. Desta maneira, é imprescindível enfatizar o quão valiosos são os direcionamentos trazidos por Pavlenko ao que se refere ao estudo de análises autobiográficas, pois além de abrir os olhos de jovens pesquisadores como eu para possíveis pontos de vulnerabilidade durante a pesquisa narrativa-autobiográfica, ela também joga luz sobre novas perspectivas para futuros estudos,

⁸ Tradução livre. No original: “To provide analysis that goes beyond a list-making activity, researchers need to adopt a specific theoretical framework that would allow them to clarify the nature of their conceptual categories and to pinpoint the links between the recurrent themes and conceptual constructs (for examples of such analyses in a variety of frameworks, see Granger 2004; Norton 2000; Pavlenko and Lantolf 2000; Schumann, J. 1997). Analysts also need to consider linguistic means used by narrators in positioning themselves and others (cf. Granger 2004; Pavlenko 2003) and in making sense of their life experiences (cf. Treichel 2004; Yelenevskaya and Fialkova 2003).” (PAVLENKO, 2007, p. 167-168)

mostrando que as possibilidades de investigação são infinitas e sempre haverá lacunas a serem preenchidas e dúvidas a serem solucionadas.

3.2 A construção das minhas narrativas autobiográficas

Tendo descrito o tema, motivos, objetivos e o embasamento teórico do presente projeto, parto agora para o detalhamento da metodologia utilizada para atingir as metas preestabelecidas. Como já mencionado, o estudo pretende fornecer uma análise qualitativa de cunho reflexivo, com foco em investigar a construção da minha identidade docente enquanto professora de inglês ao longo da minha formação. Neste caso, por se tratar de um relato de experiência, o estudo foi conduzido em forma de uma pesquisa narrativa autobiográfica em que eu também participei como estudante e professora. A construção e coleta de dados foram feitas através de uma autobiografia escrita por mim sobre minha experiência com o aprendizado de inglês e um relatório de estágio de dois meses realizado durante minha formação acadêmica.

A autobiografia foi escrita através do meu ponto de vista enquanto estudante de língua inglesa, como ponto de partida para este estudo, a pedido da orientadora, em 2023, antes dos estudos realizados para a fundamentação teórica, tendo em vista a intenção de contar a minha história de vida com o mínimo de influências da literatura da área. Nela foram narradas minhas percepções sobre esta experiência, meus desafios, medos e aprendizados desde o meu primeiro contato com o idioma, da escola até a universidade. Desta forma, é fundamental destacar que esta autobiografia conta em sua maior parte com relatos referentes a memórias e recordações de acontecimentos passados da minha vida como estudante. As outras narrativas que compõem o corpus de dados deste artigo são os diários reflexivos extraídos de um relatório produzido no momento em que realizei o Estágio Supervisionado de Regência de Ensino das Habilidades Comunicativas da Língua Inglesa, no semestre de 2023.1. Nos diários, a perspectiva da narrativa muda da posição de aluna para professora. Neles foi detalhada toda a minha trajetória durante a atuação como professora de língua inglesa no estágio realizado na escola de idiomas Casa de Cultura Britânica, instituição governamental pertencente à Universidade Federal do Ceará. Dentro do relatório de estágio estão descritos todos os aspectos considerados relevantes para a pesquisa, desde informações sobre a escola onde a experiência se deu, o material didático utilizado, planos de aula e de curso, atividades exercidas e diários reflexivos escritos após cada aula do período de regência.

Com as narrativas produzidas, parti então para o estudo teórico apresentado na seção anterior e, logo após, retornei às minhas narrativas à luz das teorias estudadas, buscando distanciamento para que pudesse examiná-las em um movimento de reflexividade. No que diz respeito aos procedimentos para a exploração dos dados construídos, foram feitas análises temáticas com o intuito de responder às questões levantadas anteriormente: como as minhas motivações, medos, desafios, emoções e crenças influenciam a construção da minha identidade docente; em que aspectos minha jornada enquanto estudante de língua inglesa afetam minha atuação como professora; e em que momento eu passo a me reconhecer não mais como apenas aprendiz de língua inglesa e sim como uma verdadeira profissional da língua inglesa. Por fim, reforço novamente que todos estes pontos foram investigados tendo como referência as categorias de análise propostas por Pavlenko.

4 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, foi feito um levantamento dos temas e tópicos considerados mais relevantes para a presente pesquisa, extraídos tanto da autobiografia escrita por mim quanto do relatório da experiência de estágio de dois meses realizada durante minha formação acadêmica. Estes temas, por sua vez, foram analisados, comparados e sobrepostos em uma triangulação de dados com o objetivo de aprofundar a investigação sobre a construção da minha identidade docente e identificar os pontos de convergência entre minha trajetória enquanto estudante de língua inglesa e minha prática enquanto professora. Antes de tudo, é necessário destacar novamente que a experiência de estágio aqui analisada foi realizada em uma turma de primeiro semestre com nível de inglês iniciante, sendo esta a minha primeira experiência de regência em um curso de idiomas para adultos.

4.1 Emoções: insegurança e timidez X autoconfiança e independência

Logo no início da minha autobiografia enquanto estudante de língua inglesa, um dos primeiros temas levantados foram as dificuldades enfrentadas por mim durante minha infância e adolescência por conta de questões relacionadas à timidez, insegurança e problemas de socialização. Ao abordar este tópico, hoje reflito sobre meus relatos que enfatizam o papel que o aprendizado de inglês desempenhou em minha tentativa de superar estas barreiras, que sempre afetaram não só a minha vida pessoal, mas também o meu desempenho acadêmico e profissional, como exposto no seguinte trecho:

Entretanto, na fase da adolescência, quando eu já estava muito mais imersa e de fato estudando a língua, o inglês acabou cumprindo uma função social bem importante durante muitos anos, pois eu era uma criança/adolescente bastante tímida e acabei me beneficiando consideravelmente do aprendizado de inglês para socializar com outros adolescentes, participar de grupos e me inserir em alguns contextos que acho que eu não teria acesso se não fosse por meio da língua inglesa. (Excerto 1: Autobiografia)

Em função disso, é de se esperar que estas circunstâncias tão cruciais para minha trajetória também mostrariam reflexos em minha prática ao me tornar professora. Nos diários reflexivos escritos durante o período de estágio, por exemplo, há vários momentos nos quais eu descrevo atividades que aplicava durante minhas aulas com o objetivo de impulsionar meus estudantes mais tímidos a interagirem mais e perderem um pouco desse medo de falar, que é tão comum em alunos iniciantes:

Fiz uma lista com essas palavras na lousa e exploramos uma a uma, depois pedi para 6 voluntários fazerem a leitura do texto em voz alta, parando após cada parágrafo para checar as respostas do exercício. Este momento

de leitura foi muito proveitoso, pois alguns alunos menos participativos conseguiram vencer a timidez de ler em voz alta, o que me deu a chance de reforçar algumas pronúncias e significados. (Excerto 2: Diário Reflexivo - 10/05/2023)

Quando não se dá a devida atenção a informações como estas, é comum que elas sejam vistas apenas como detalhes ou coincidências, mas ao direcionar um olhar mais minucioso, claramente pode se ver que estas vivências tornaram possível que eu desenvolvesse uma consciência sobre os enormes benefícios que a minha experiência com o aprendizado de inglês trouxe para minha vida e como isso me ajudou a lidar com questões emocionais, pessoais e também sociais. Outros exemplos são os trechos nos quais descrevo como eu utilizei o inglês como “atalho” para diminuir minha insegurança ao ingressar na faculdade, estratégia que permitiu que eu fizesse amigos e pudesse usufruir de minha experiência universitária de forma mais proveitosa. Como consequência, mesmo que a maioria de minhas escolhas instrucionais não sejam conscientemente motivadas pelas vivências do meu passado, ao propor atividades de leitura em voz alta, prática de diálogos em duplas ou grupos e dar o devido espaço para que meus alunos exercitem sua oralidade em língua inglesa de forma livre, é possível notar que há um certo esforço da minha parte ao tentar proporcionar para meus estudantes a mesma chance que eu tive de utilizar o idioma como ferramenta de aprimoramento pessoal e social.

Com a consciência de que meu percurso durante o aprendizado de inglês foi capaz de me impulsionar a trabalhar minha própria insegurança, surge a possibilidade de utilizar isto como alternativa para guiar algumas de minhas práticas. Tanto é assim que, são evidentes em meus diários as tentativas de estimular tanto a construção da autoconfiança dos meus aprendizes quanto sua independência em relação ao seu próprio aprendizado. Isso se torna visível, por exemplo, na frequência com que eu fazia exercícios de fala com a turma e em minha decisão de optar por uma abordagem mais descontraída que incentivasse uma maior participação dos alunos, mesmo que nem sempre o resultado fosse totalmente satisfatório.

4.2 Crenças: interações significativas dentro e fora de sala de aula

Outro tema que se destaca dentro das minhas histórias de aprendizagem é a forma com que me beneficieei enormemente de experiências autênticas que ocorriam predominantemente fora da sala de aula, geralmente proporcionadas por interações significativas com outros aprendizes de língua inglesa ou com conteúdos escritos/produzidos em inglês. Como relatado em minha autobiografia, a maior parte do que aprendi sobre o idioma nos anos iniciais foi por conta própria e sem ajuda de professores ou tutores

especializados, portanto, eu precisava recorrer a ferramentas variadas e até mesmo experimentais para avançar no meu aprendizado de forma independente, e algumas destas ferramentas as vezes surgiam de forma espontânea. No início, isto acontecia com mais frequência através do consumo de mídias como músicas e filmes e a leitura de livros e textos autênticos encontrados na internet, como fanfics, por exemplo. Posteriormente, comecei a me engajar em experiências com outros falantes da língua inglesa, e ao perceber que estas me ajudavam de forma considerável, comecei a me utilizar delas para adquirir proficiência no idioma de forma intencional:

Como estava sempre com meus amigos, nós também tínhamos vários momentos nos quais ficávamos apenas jogando conversa fora em inglês despreziosamente, e talvez eu não percebesse na hora, mas até ali, brincando e rindo, eu estava aprendendo mais coisas junto com eles. De certa forma, consegui aproveitar o fato de que alguns deles tinham o inglês mais avançado que o meu e ficava sempre buscando absorver o que eles me passavam, de um modo que me mantinha muito motivada e empolgada para me aprofundar cada vez mais na experiência da universidade. (Excerto 3: Autobiografia)

Em contrapartida, ao voltar o olhar para meus diários reflexivos, encontram-se fragmentos nos quais estão descritas diversas atividades que tinham como objetivo abordar assuntos que fizessem parte do cotidiano dos estudantes, como por exemplo, pedir para que eles listassem as coisas que tinham em suas bolsas, falassem sobre seus gostos pessoais ou curiosidades sobre eles mesmos. Além disso, eu também me utilizava de jogos para trabalhar temas voltados para vocabulário, por exemplo:

Li pra eles as instruções (parando para reforçar alguns significados quando necessário), distribuí o material e expliquei que o objetivo era que eles montassem a family tree de um casal de acordo com as dicas fornecidas pelas cartas que eles receberam, e a primeira dupla a completar a tarefa corretamente ganharia os chocolates trazidos por mim. Deixei esta atividade para hoje, pois, como era meu último dia na turma, queria fazer algo mais descontraído sem fugir dos temas trabalhados no momento. O jogo foi um sucesso, eles se empenharam muito e fizeram várias perguntas durante a correção das respostas da dupla vencedora. (Excerto 4: Diário Reflexivo - 07/06/2023)

Percebe-se que esta iniciativa de integrar assuntos frequentes no dia a dia dos alunos ao estudo do inglês de forma mais despreziosa se assemelha bastante a forma com que eu mesma aprendi a língua. Também é relevante relembrar que, por se tratar de uma turma de alunos iniciantes, o emprego de estratégias como esta pode ser extremamente vantajoso. Neste caso, parte-se do pressuposto de que quanto mais próximos os aprendizes se sentirem do idioma, associando o uso dele à sua realidade cotidiana, mais motivados eles irão se sentir, como aconteceu no meu próprio caso. Afora isto, a maneira com que estes aspectos se refletem na minha prática alguns anos depois também chama bastante atenção por um outro motivo: meu desejo por trazer para dentro da sala de aula exemplos de interações

significativas e autênticas que eu não consegui vivenciar em meus próprios tempos de escola, como uma tentativa de suprir uma necessidade que eu mesma tinha quando era aprendiz.

4.3 Desafios do autodidatismo: fonética, gramática e pronúncia

Segundo minha autobiografia, a compreensão de que o autodidatismo era um fator decisivo para minha aprendizagem surgiu muito cedo na minha vida. Ao longo do meu relato, descrevo com bastante detalhes como foi minha experiência ao aprender um novo idioma sozinha e exponho que meu primeiro contato com o inglês se deu por conta de uma forte conexão com a música, evidenciando que meu interesse natural pela língua se desenvolveu mais por diversão do que pela vontade de estudar em si, pois eu via esta esfera da minha vida muito mais como um hobby. Também menciono que, na verdade, a iniciativa de começar a estudar inglês de forma séria só veio um tempo depois, já na adolescência, ao perceber que meu interesse aumentava e que estava ganhando proficiência no idioma. Daí em diante, ao ganhar cada vez mais consciência sobre os impactos do autodidatismo em minha caminhada, é possível identificar dentro da minha autobiografia alguns fatores que representam a minha visão sobre quais foram os pontos positivos e negativos de ter sido autodidata.

É citado, por exemplo, o quanto essa capacidade de aprender inglês por conta própria foi importante para que eu desenvolvesse uma certa independência em relação ao meu próprio aprendizado, pois eu conseguia, utilizando-se das ferramentas que estavam ao meu alcance, buscar e pôr em prática de forma individual, estratégias que me impulsionavam em direção ao meu objetivo final, neste caso, me tornar fluente na língua alvo. Todavia, embora os ganhos provenientes da experiência autodidata tenham um valor grandioso, também dediquei uma grande parte do meu texto a elencar os diversos desafios enfrentados por mim no caminho rumo ao aprendizado de um novo idioma:

Por outro lado, ter sido uma criança/adolescente autodidata também desencadeou muitos desafios durante meu aprendizado, pois mesmo sendo uma língua de fácil acesso, eu ainda não tinha condições financeiras de pagar um curso ou um professor particular; então me virava com os recursos que estavam ao meu alcance, e por ser muito nova, também não sabia exatamente o que procurar ou como utilizar tais ferramentas. Como é de se imaginar, eu acabava consumindo apenas conteúdos do meu interesse, que apesar de contribuírem muito com o meu avanço no idioma, não eram exatamente voltados para o aprendizado de língua inglesa, então, conseqüentemente acabei desenvolvendo algumas deficiências, principalmente relacionadas à fonética, gramática e pronúncia. (Excerto 5: Autobiografia)

Nesta passagem, eu chamo atenção para dificuldades comuns a estudantes de língua inglesa autodidatas, abordando novamente questões como a falta de acesso a um ensino formal e direcionado a língua estrangeira e o quão desafiador pode ser para aprendizes

autodidatas progredirem em seu estudo sem a ajuda de professores e sem materiais de qualidade a seu alcance. Como apontado, a junção de todas estas adversidades acarretaram em algumas deficiências de aprendizagem que eu mesma fui capaz de identificar com o passar do tempo, como o desenvolvimento de uma certa resistência para fixar conteúdos e regras relacionados à fonética, gramática e pronúncia. A partir disso, o desenrolar da minha experiência foi capaz de formar em meu imaginário uma forte crença de que a fonética, a gramática e a pronúncia se mostram como as esferas mais complexas da língua inglesa, baseando-se no fato de que estas representam grandes obstáculos em meu próprio aprendizado, até mesmo após ingressar na universidade e começar a lecionar.

Em busca das evidências que explorem os reflexos dessa concepção em minhas práticas em sala de aula, não foi difícil identificar o peso que esta crença transfere às formas pelas quais eu escolho abordar a fonética, gramática e pronúncia em minhas aulas, como citado em inúmeras passagens de meus diários reflexivos:

Mencionei, por exemplo, os conteúdos relacionados a fonética/gramática, que foram as partes em que os alunos apresentaram maior dificuldade na prova, e sugeri que eles tentassem revisar novamente estes tópicos, a fim de superar seus pontos fracos. (Excerto 6: Diário Reflexivo - 08/05/2023)

Os trechos expostos acima revelam um aspecto curioso, mas ao mesmo tempo também bastante previsível: eu claramente me baseio nas barreiras encontradas por mim durante minha vivência como estudante para guiar minha prática docente. Em outras palavras, tendo em mente minhas próprias ansiedades e inseguranças relacionadas a fonética, gramática e pronúncia, eu acabo pressupondo que estas dimensões específicas da linguagem também serão os pontos de maior dificuldade de meus alunos. Logo, me esforço ao máximo para abordar estas áreas de maneira mais intensa, propondo um fluxo constante de atividades e exercícios focados em fixação de regras e correção de erros comuns e procurando dar a devida atenção às deficiências de aprendizado específicas da turma, na intenção de evitar que meus estudantes acabem tendo as mesmas frustrações que eu tive no passado.

Outro fenômeno observado durante o cruzamento das informações extraídas dos meus relatos foi a possível motivação por trás deste reflexo das minhas experiências como estudante sobre minha prática como docente. Como transparece nos diários reflexivos, as inseguranças e dificuldades relacionadas a fonética, gramática e pronúncia permanecem presentes em meu imaginário mesmo após muitos anos de estudo, de esforços e de já ter iniciado a carreira como professora de língua inglesa. Com a persistência destes desafios, pode-se chegar à conclusão de que estas emoções e crenças relacionadas às esferas consideradas por mim como as mais complexas da língua inglesa resultaram em uma espécie

de transferência. Por conta disso, eu não só acabo me sentindo responsável por impedir que meus estudantes sejam barrados pelos mesmos obstáculos que eu, como também me vejo na obrigação de compensá-los constantemente por minhas próprias deficiências e despreparo enquanto profissional. Além do mais, outra perspectiva que se destaca ao se observar certos trechos dos meus diários reflexivos é essa frequente tentativa de me favorecer das minhas próprias aulas para aprimorar e desenvolver minha própria proficiência na língua. Por fim, é possível inferir que tal comportamento está diretamente ligado a minha experiência com o autodidatismo, que me impulsiona sempre a buscar novas formas de auto-aperfeiçoamento.

4.4 Mudança de identidade: busca por aprimoramento e satisfação

Como último tema a ser explorado através de meus relatos, creio que este seja o momento em que todas as outras hipóteses levantadas até aqui entram em um ponto de convergência, devolvendo a pauta sobre identidade ao seu lugar de destino, isto é, no centro desta discussão. Tanto a autobiografia quanto os diários reflexivos estão recheados de fragmentos nos quais eu manifesto sentimentos de insegurança, ansiedade e angústia em relação ao meu próprio desempenho enquanto estudante de língua inglesa e professora em formação. Durante os primeiros anos de minha prática docente, tais emoções alimentavam em meu subconsciente a ideia de que eu ainda estava longe de me sentir preparada o suficiente e de atingir a autoconfiança necessária para exercer minha profissão de forma plena, evidenciando aqui a presença de uma grande carga de autocrítica e perfeccionismo excessivos que impactaram minha trajetória de forma considerável. Por outro lado, nestes fragmentos também é possível identificar que a consciência de minhas próprias incapacidades trouxe também alguns efeitos positivos, como o forte desejo de superá-las.

Os dois excertos a seguir, sendo o primeiro extraído da autobiografia e o segundo de um dos diários reflexivos, chamam a atenção por descreverem situações semelhantes, mesmo se tratando de períodos bem diferentes:

Embora ele fosse o aluno naquele cenário, eu constantemente precisava estudar e relembrar conteúdos para que pudesse repassá-los da melhor maneira, principalmente os relacionados a gramática e fonética que, novamente, eram os pontos nos quais eu ainda tinha um certo medo de cometer erros. Durante as aulas então, quando eu estava repassando meus conhecimentos para ele, era o momento onde eu mais aprendia [...]. (Excerto 7: Autobiografia)

Durante as aulas, o sentimento mais frequente é que eu estou aprendendo junto com os alunos, pois a cada aula eu estudo novamente o conteúdo a ser trabalhado e todas as vezes acabo revendo algo que não lembrava mais ou até mesmo adquirindo informações novas. (Excerto 8: Diário Reflexivo - 24/04/2023)

Aqui, nota-se que o desejo de superar minhas próprias deficiências é uma das emoções que persiste e continua a exercer um grande efeito sobre a minha prática docente, mesmo com o passar dos anos. Como exposto, eu procurava sempre estudar e revisar os conteúdos que precisava lecionar com o intuito de evitar possíveis erros, e conseqüentemente, tal atitude contribuía continuamente para a construção da minha autoconfiança e evolução em sala de aula. Para além disso, outro aspecto marcante em ambas as passagens é o fato de que mesmo nos momentos em que eu estou cumprindo a função de professora, frequentemente ainda me percebo ocupando um papel de aprendiz. Fica evidente então que o que ocorre neste caso é na verdade uma mistura das duas identidades, pois conforme eu avanço em minha formação, mais sinto a necessidade de voltar a posição de estudante, visto que o exercício desta profissão exige uma busca constante por auto-aperfeiçoamento.

Mesmo tendo colocado todos estes fatores em perspectiva, ainda não é possível indicar em minha trajetória um ponto de rompimento no qual ocorra alguma espécie de metamorfose que me permita abandonar completamente a posição de estudante e assumir definitivamente a identidade de professora. O que se pode observar, neste caso, são alguns momentos em que eu começo a reconhecer meus próprios avanços e tomo consciência de que estou efetivamente fazendo progresso em relação ao meu desempenho em sala de aula e me tornando cada vez mais autoconfiante e independente profissionalmente. Em vários fragmentos, principalmente em meus últimos diários reflexivos, notam-se ocasiões pontuais em que eu menciono algumas evoluções que eu mesma consegui identificar em minha prática, frutos de meu constante esforço e tentativas de autocorreção.

O reconhecimento do meu próprio progresso, juntamente com o retorno positivo que passo a receber dos alunos traz à tona algumas novas emoções para a narrativa: os sentimentos de satisfação, gratidão e autoconfiança, que também podem estar diretamente relacionados à construção da minha identidade docente. Sendo assim, uma das possíveis conclusões provenientes desta discussão seria a de que a minha capacidade de reconhecer e identificar minhas próprias conquistas e falhas, avaliar meus resultados e trabalhar constantemente em busca do meu próprio aprimoramento profissional podem ser considerados evidências claras da transformação da minha identidade, embora não haja exatamente um rompimento entre minhas imagens enquanto estudante e professora, pois estas se encontram inevitavelmente conectadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos do presente estudo consistiram em investigar a construção da minha identidade enquanto professora de língua inglesa em formação, com base na análise de elementos considerados cruciais para esta reflexão, como a influência que as emoções, crenças, motivações e frustrações vivenciadas durante esse processo exercem sobre a construção da minha identidade docente. Após destrinchar, comparar e refletir mais profundamente sobre tais aspectos, utilizando como base a pesquisa narrativa autobiográfica, parto então agora para as conclusões finais desta investigação, com o intuito de responder às questões de pesquisa levantadas na introdução do presente estudo.

Do ponto de vista emocional, ao examinar com bastante cuidado tanto a autobiografia quanto os diários reflexivos que descrevem momentos decisivos da minha caminhada enquanto estudante e professora de inglês, foi identificada uma forte presença de emoções como insegurança, ansiedade, satisfação e motivação, sentimentos que demonstraram cumprir um papel decisivo na minha prática docente como um todo, tendo em vista a natureza essencialmente emocional da profissão de educador. No que se refere ao estudo sobre crenças, foi constatado que a minha experiência individual resultou na construção de certas concepções acerca do ensino-aprendizagem de língua inglesa, como a crença de que interações significativas e autênticas em inglês poderiam ajudar a avançar o aprendizado do idioma, por exemplo. Assim como explorado ao longo do presente estudo, conclui-se então que é inegável a influência de tais crenças no resultado final da minha atuação em sala de aula, pois elas servem como guia, às vezes até de forma inconsciente, tanto para tomadas de decisões instrucionais quanto para escolhas de abordagem em sala de aula.

Levando em consideração todas as hipóteses e reflexões aqui propostas a respeito da construção da minha identidade docente, posso confirmar finalmente que a minha trajetória pessoal enquanto estudante de língua inglesa afetou e continua a afetar constantemente o meu desenvolvimento enquanto docente nesta mesma área, pois estas experiências acabaram se sobrepondo com o passar do tempo, tornando quase inviável a reflexão sobre uma delas sem envolver ou mencionar diretamente a outra. Em suma, os resultados finais apontam que a construção da minha identidade enquanto professora de língua inglesa se constitui como um processo contínuo, fluido e mutável, que exige e se beneficia intensamente de exercícios de autoavaliação e busca por auto-aperfeiçoamento constantes, e que recebe influência direta tanto das emoções quanto das crenças desenvolvidas durante a prática, sendo moldada e permeada por elas de forma definitiva.

REFERÊNCIAS

- BARCELOS, Ana Maria F.; RUOHOTIE-LYHTY, Maria. Teachers' Emotions and Beliefs in Second Language Teaching: implications for teacher education. In: AGUDO, Juan de Dios Martínez (ed.). **Emotions in Second Language Teaching: theory, research and teacher education**. [S. L.]: Springer International Publishing, 2018. p. 109-124. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323698625_Teachers%27_Emotions_and_Professional_Identity_Development_Implications_for_Second_Language_Teacher_Education. Acesso em: 10 jul. 2022.
- KANNO, Yasuko; STUART, Christian. Learning to Become a Second Language Teacher: identities-in-practice. **The Modern Language Journal**, [S.L.], v. 95, n. 2, p. 236-252, 12 maio 2011. Trimestral. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1540-4781.2011.01178.x>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/229887764_Learning_to_Become_a_Second_Language_Teacher_Identities-in-Practice. Acesso em: 06 jul. 2022.
- PAVLENKO, Aneta. Autobiographic Narratives as Data in Applied Linguistics. **Applied Linguistics**, [S.L.], v. 28, n. 2, p. 163-188, 30 abr. 2007. Trimestral. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/applin/amm008>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/253989277_Autobiographic_Narratives_as_Data_in_Applied_Linguistics. Acesso em: 10 jul. 2022.
- SCHUTZ, Paul A.; ZEMBYLAS, Michalinos (ed.). **Advances in Teacher Emotion Research: the impact on teachers' lives**. [S. L.]: Springer Us, 2009. 390 p.

ANEXO A - AUTOBIOGRAFIA DE APRENDIZ

Olhando para trás, acredito que minha jornada com o inglês começou quando eu tinha uns dez 10 anos de idade. Meus irmãos mais velhos, Nathaly e Rômulo, adoravam ouvir música pop quando eram adolescentes e, por influência deles, comecei a gostar também. Minha irmã tinha um DVD da Rihanna, "Good Girl Gone Bad", que sempre colocava para tocar quando ia limpar a casa e eu ficava na sala assistindo enquanto brincava ou fazia o dever de casa. Também haviam alguns canais de TV antigos que passavam videoclipes de música como a MixTV e a TV União, que assistíamos praticamente o dia inteiro. Creio que foi esse interesse por música que me conectou com a língua inglesa antes de qualquer outra coisa. Como eu gostava muito das músicas e queria saber o que diziam as letras, comecei a procurar traduções na internet, e foi aí que passei a aprender inglês de verdade. Como ainda não tinha um computador em casa, eu ia para uma "lan-house" do bairro e passava horas só ouvindo música, assistindo aos clipes no youtube e pesquisando as letras. No início foi um processo meio inconsciente porque eu estava apenas me divertindo enquanto ouvia minhas músicas favoritas, mas quando percebi que estava gostando e ficando boa nisso, comecei a me dedicar mais ao estudo do idioma.

Quando eu tinha uns 13 anos, um professor de inglês da escola onde eu estudava me deu um livro de gramática. Não me lembro o nome do livro porque foi há muito tempo, mas passei um longo período fazendo os exercícios das seções de "prática" dele e isso me ajudou muito com o inglês, embora eu ainda estivesse fazendo apenas por diversão e sem ajuda de professores. Depois que concluí este livro, comecei a procurar outros e fiquei repetindo esse processo por muito tempo. As aulas de inglês nas escolas públicas onde estudei não eram excelentes, mas essa ainda era minha matéria preferida, então eu sempre tentava extrair o máximo possível das aulas com os professores que tinha. Nessa época eu também comecei a aprender muito através da internet, jogando Duolingo, assistindo séries e filmes em inglês e conversando com alguns amigos virtuais no Twitter que também falavam a língua. Um fato curioso é que, quando ainda estávamos na escola, eu e minha melhor amiga, Kayane, começamos a usar o inglês como nosso "código secreto" para compartilhar segredos e conversar uma com a outra sem que ninguém entendesse e, além de ser muito divertido, foi uma ótima maneira de melhorar nossas habilidades de conversação e escrita, pois trocávamos bilhetinhos em inglês quase todos os dias.

Como já mencionei, o inglês entrou na minha vida de forma bem espontânea e mais como um hobby, então eu não tinha intenção de começar a aprender a língua de verdade

até realmente perceber que eu já estava aprendendo. Entretanto, na fase da adolescência, quando eu já estava muito mais imersa e de fato estudando a língua, o inglês acabou cumprindo uma função social bem importante durante muitos anos, pois eu era uma criança/adolescente bastante tímida e acabei me beneficiando consideravelmente do aprendizado de inglês para socializar com outros adolescentes, participar de grupos e me inserir em alguns contextos que acho que eu não teria acesso se não fosse por meio da língua inglesa. Principalmente através da internet, que era onde eu gastava uma grande parte do meu tempo livre, o inglês me possibilitou quebrar um pouco essa barreira da timidez, facilitou bastante minha socialização e até a construção da minha autoconfiança, pois saber inglês, mesmo sem ser fluente ainda, me ajudava a fazer amizades e algumas delas acabaram permanecendo pro resto da vida. A leitura também foi um ponto crucial, pois quando ganhei meu primeiro computador do meu pai, eu passava muito tempo lendo fanfics e livros em inglês que achava na internet. Apesar de não serem os conteúdos mais didáticos do mundo, eles auxiliaram muito no desenvolvimento da minha compreensão leitora em língua inglesa.

A propósito, um outro ponto que acelerou essa minha conexão com a língua inglesa foi com certeza a facilidade dela. Obviamente, não seria certo nem justo dizer que o inglês não é uma língua complexa, na verdade, a escolha do termo facilidade é mais pelo fato do inglês ser um idioma globalizado, o que torna o seu aprendizado muito mais acessível para aprendizes de países que não o têm como língua oficial, como eu. Desde que me entendo por gente a língua inglesa sempre esteve ao meu redor, na televisão, na internet, nos livros e revistas, nas músicas, e além disso, também é muito mais fácil encontrar um bom curso ou professor particular de inglês do que de mandarim, por exemplo, e esses “detalhes” são muitas vezes o que acaba aproximando muitas pessoas do idioma.

Por outro lado, ter sido uma criança/adolescente autodidata também desencadeou muitos desafios durante meu aprendizado, pois mesmo sendo uma língua de fácil acesso, eu ainda não tinha condições financeiras de pagar um curso ou um professor particular, então me virava com os recursos que estavam ao meu alcance, e por ser muito nova, também não sabia exatamente o que procurar ou como utilizar tais ferramentas. Como é de se imaginar, eu acabava consumindo apenas conteúdos do meu interesse, que apesar de contribuírem muito com o meu avanço no idioma, não eram exatamente voltados para o aprendizado de língua inglesa, então, conseqüentemente acabei desenvolvendo algumas deficiências, principalmente relacionadas à fonética, gramática e pronúncia. Certamente, ter aprendido uma nova língua praticamente sozinha teve um grande impacto no meu desenvolvimento e me fez ganhar habilidades que depois viriam a servir de base para experiências futuras, como independência

e capacidade de me auto impulsionar em direção aos meus objetivos de aprendizagem. Contudo, a falta do olhar profissional de um professor tornou esse caminho mais longo do que deveria e hoje eu consigo visualizar como teria sido muito mais fácil aprender se eu tivesse tido acesso a aulas de inglês da forma que eu tanto sonhava.

No geral, os meus maiores pontos de deficiência em relação ao aprendizado de língua inglesa estão relacionados a gramática e fonética. Embora eu gostasse de fazer os exercícios de gramática que encontrava nos livros, isso não era suficiente para fixar determinadas regras na minha cabeça, regras essas que geralmente exigem um nível mais profundo de estudo e prática para serem absorvidas. Sem falar que eu só fui ter contato com as áreas de fonética e fonologia alguns anos a frente quando finalmente consegui entrar em um curso de inglês, e posteriormente na faculdade pude perceber que realmente ainda tinha muita dificuldade com essa parte e que precisaria estudar mais para superá-las. Curiosamente, uma coisa muito comum de acontecer quando se é autodidata e que também aconteceu no meu caso, é que muito do que aprendemos acaba vindo da leitura. Como eu costumava ler livros, fanfics e outros tipos de conteúdos escritos, acabei adquirindo uma boa habilidade de leitura, mas em contrapartida, algumas dificuldades relacionadas à fonética e pronúncia se acentuaram. Por exemplo, quando eu lia alguma palavra nova que eu nunca havia escutado antes, geralmente uma palavra não tão comum de se usar, minha cabeça automaticamente “inventava” uma pronúncia para ela, que era como eu achava que aquela palavra soaria quando falada em voz alta. Porém, era muito comum eu descobrir depois de um tempo que na verdade eu estava pronunciando a palavra de forma incorreta, pois a sonoridade dela era diferente da que eu havia presumido e eu não tinha os conhecimentos necessários para fazer inferências mais precisas, por assim dizer. Hoje em dia essa questão já não me atrapalha mais tanto assim, mas já conversei com outros estudantes autodidatas que enfrentam essa mesma dificuldade e sempre volto a pensar sobre como essas circunstâncias moldam nosso aprendizado e muitas vezes acabam nos sabotando.

Por conta desse interesse natural pela língua, sempre tive vontade de fazer um curso de inglês, mas só consegui ter acesso a isso depois de terminar o ensino médio, quando consegui um emprego de meio período como auxiliar de RH e pude finalmente começar um curso de inglês no Núcleo de Línguas Estrangeiras da Universidade Estadual do Ceará (UECE), onde estudei por três semestres e tive uma experiência incrível. Lá, encontrei a oportunidade de melhorar meu inglês de forma efetiva e, como ingressei no primeiro semestre e meu nível já era um pouco mais avançado que o dos outros colegas da turma, essa experiência me ajudou a ganhar muito mais confiança para falar. Além disso, também conheci

alguns professores incríveis na UECE que me inspiraram muito. O que mais me marcou foi o do primeiro semestre, Antônio Filho, que dava aulas divertidíssimas. Como todos os alunos dessa turma eram iniciantes, ele buscava fazer aulas mais dinâmicas, interativas e animadas para ajudar a turma a se soltar mais, pois a maioria dos alunos ainda se sentia muito inseguro pela falta de domínio da língua e o resultado das estratégias utilizadas pelo professor realmente eram muito positivos. Obviamente, o que me conquistou mesmo foi o fato de ele gostar de utilizar música durante as aulas, além de também incorporar bastante cultura pop nas atividades, o que acabava criando uma identificação natural dentro da turma que era composta por alunos de uma faixa etária mais jovem, incluindo eu mesma. Acho que este professor foi o primeiro que me fez realmente sentir vontade de ensinar inglês um dia, pois as aulas dele abriram meus olhos para a possibilidade de aprender e ensinar inglês de uma forma mais leve e divertida, ao contrário das aulas repetitivas e maçantes que eu havia experimentado em outros contextos como na escola, por exemplo. Infelizmente, tive que desistir do curso em 2019 pois passei no ENEM e entrei no curso de Letras Inglês da Universidade Federal do Ceará (UFC), no qual estou prestes a me formar.

Agora, já aos 23 anos, estou no 10º semestre da faculdade e já concluí as cinco disciplinas de inglês oferecidas pelo curso, que por sua vez, acabaram sendo bem tranquilas de acompanhar, mas também me causaram muita insegurança no começo do curso. Retornando um pouco ao tópico da socialização, o momento do meu ingresso na faculdade também foi bem marcante para mim, pois a questão da timidez voltou a me prejudicar e o inglês serviu novamente como atalho nessa parte. No início, o que mais me travou foi a insegurança, pois apesar de já dominar bastante a língua, eu ainda não me considerava fluente e sabia que a pressão e a cobrança dentro da universidade seriam bem maiores do que as que enfrentei no ensino médio e no curso de inglês. Na faculdade, eu iria encontrar pessoas com um nível de proficiência muito maior do que o meu, além do fato de que os conteúdos estudados também seriam bem mais avançados, então eu tinha um medo grande de não ser “boa o suficiente” para o curso, ou de enfrentar novamente os problemas de socialização da minha infância/adolescência, já que estava entrando em um ambiente completamente novo onde eu não conhecia ninguém e teria que me virar sozinha.

Surpreendentemente, logo na primeira semana de aulas tive a sorte de conhecer algumas pessoas que me ajudaram a ultrapassar essas barreiras iniciais, e algumas permanecem na minha vida até hoje. O grupo de amigos que fiz no primeiro semestre da faculdade era formado por alunos que compartilhavam das mesmas dificuldades que eu, por isso acabamos criando um laço forte e seguimos nos ajudando continuamente até agora, quase

chegando na reta final do curso. Dentro desse grupo haviam alunos com diferentes níveis não só de proficiência no inglês, mas também de conhecimento acadêmico, desenvolvimento intelectual, etc. Logo no início montamos um grupo de conversação que pessoalmente me trouxe muitos benefícios, sendo o principal deles a oportunidade de trabalhar a oralidade de forma espontânea e sem a pressão da sala de aula, pois estávamos entre amigos e pelo menos ali naquele momento havia espaço para cometer erros e correr riscos. As reuniões do grupo aconteciam semanalmente, eram totalmente em inglês e nelas nós aproveitávamos para fazer leituras coletivas e reflexões sobre textos que estavam sendo estudados nas disciplinas, ou trazíamos tópicos para discussões abertas, geralmente também voltados para temas de estudo. Lembrando que, como mencionado anteriormente, nessa época eu estava trabalhando meio período como auxiliar de RH, então a falta de tempo e o cansaço não me permitiam participar de todas as reuniões do grupo, mas eu me esforçava para me fazer presente o máximo possível. Em resumo, acho essencial ressaltar a importância dessa experiência que, mesmo sendo curta, fez uma enorme diferença no meu desempenho acadêmico no geral.

Outro tópico que considero muito relevante é que, na universidade, grande parte das disciplinas são ministradas em inglês e quase todos os nossos trabalhos, ensaios, atividades e seminários também são escritos e apresentados em inglês, o que nos permite, como estudantes, aprimorar cada vez mais nossa proficiência no idioma à medida que avançamos na graduação. Todavia, este também foi um ponto de vulnerabilidade para mim, principalmente ao se tratar da linguagem acadêmica, pois aqui novamente ressurgiu a questão do autodidatismo. Por ter aprendido inglês sozinha, acabei ficando com uma certa deficiência em relação ao domínio da linguagem acadêmica, visto que, por não consumir muito conteúdo deste gênero, eu não possuía muita experiência nem domínio suficiente dele quando ingressei na universidade. No início realmente foi muito desafiador, pois era minha primeira vez trabalhando com essa linguagem acadêmica mais rebuscada em língua inglesa e a dificuldade que eu tinha me trazia muita ansiedade e preocupação. Por me sentir insegura de não dominar essa parte tanto quanto meus colegas de curso, eu tinha medo de não conseguir acompanhar os conteúdos e acabar tirando notas baixas ou até reprovando nas disciplinas, mas felizmente consegui ir superando essa barreira aos pouquinhos, pois me esforcei bastante e fui me organizando para estudar e me aprofundar cada vez mais, principalmente nos conteúdos que considerava mais complexos.

Ainda sobre este mesmo período, posso afirmar que consegui extrair bastante aprendizado das experiências fora de sala de aula também. Como estava sempre com meus amigos, nós também tínhamos vários momentos nos quais ficávamos apenas jogando

conversa fora em inglês despretensiosamente, e talvez eu não percebesse na hora, mas até ali, brincando e rindo, eu estava aprendendo mais coisas junto com eles. De certa forma, consegui aproveitar o fato de que alguns deles tinham o inglês mais avançado que o meu e ficava sempre buscando absorver o que eles me passavam, de um modo que me mantinha muito motivada e empolgada para me aprofundar cada vez mais na experiência da universidade. Foi dentro do ambiente acadêmico que eu pude, por exemplo, assistir palestras ministradas em inglês pela primeira vez na vida. Apesar de querer muito, eu não tinha tempo para me engajar em atividades acadêmicas extra curriculares como bolsas ou cursos, mas sempre que possível tentava acompanhar as palestras ofertadas pelo Laboratório de Edição, Tradução e Revisão de Textos Acadêmicos (LETRARE) da UFC, que trazia profissionais renomados para falar sobre a experiência deles no mercado de trabalho da tradução. Eu ficava encantada com as palestras, mas ao mesmo tempo também me sentia frustrada por ter que me dividir entre trabalho, faculdade e tarefas domésticas e não poder me aventurar estudando outras coisas como tradução, por exemplo. Também acho importantíssimo falar sobre este sentimento de frustração, que creio eu, deve acompanhar muitos estudantes de graduação de baixa renda que acabam tendo uma experiência acadêmica reduzida pela falta de tempo e dinheiro. Certamente há muita vida e riqueza dentro da universidade, mas poucos alunos têm a sorte de desfrutar disso de forma significativa.

Um ano e meio após ingressar na universidade, consegui meu primeiro estágio como auxiliar de professora de inglês em uma escola privada, e menos de um ano depois fui contratada como professora nesta mesma escola. Até este momento eu só havia tido empregos de meio período, o que ainda me dava uma certa vantagem pois ainda sobrava algum tempo do meu dia para me dedicar ao estudo de inglês e a faculdade, contudo, ao iniciar os trabalhos como professora em tempo integral, os problemas com a falta de tempo foram se tornando cada vez maiores, e desta forma, não havia como fugir dos impactos disso na minha vida enquanto estudante. As obrigações que surgiram ao me tornar professora tomavam e ainda tomam quase todo o meu tempo, e o que aconteceu foi que, ao longo destes últimos anos eu tive que procurar atalhos e me virar com as “brechas” de tempo que encontro entre uma aula e outra para conseguir dar conta das demandas da universidade.

Evidentemente, eu não sou a única estudante inserida neste contexto, principalmente dentro dos cursos noturnos que são compostos em sua maioria por estudantes que, assim como eu, precisam trabalhar durante o dia para garantir o próprio sustento e não podem abrir mão de suas fontes de renda para se dedicar integralmente aos estudos. Como consequência, temos que nos contentar com uma experiência acadêmica ainda mais reduzida

por conta da sobrecarga de trabalho e, no meu caso, no fim das contas sobra pouco ou nenhum tempo para dar continuidade ao estudo do idioma em si, além do que é visto nas disciplinas da graduação. Para mim, este permanece sendo um dos principais desafios não só para a aprendizagem de inglês, mas também para o meu desenvolvimento profissional e pessoal enquanto estudante de língua estrangeira e professora em formação. Sem dúvida, este malabarismo que precisamos fazer para conciliar os estudos, o trabalho e a vida pessoal tem impacto direto no processo de aprendizagem de um idioma para estudantes que, assim como eu, acreditam que não há um limite ou linha de chegada, pois sempre há mais para aprender, estudar e aprimorar. Mesmo com toda a correria do dia a dia, ainda me esforço para extrair o máximo que consigo das experiências educacionais que tenho acesso, e espero que um dia eu realmente possa me dedicar aos estudos de forma mais intensa.

Outro episódio significativo dessa minha jornada aconteceu durante a pandemia, quando eu estava trabalhando e estudando online e, para complementar minha renda, decidi me aventurar dando aulas particulares de inglês. Sempre pensei muito nessa possibilidade desde que entrei na graduação pois muitos de meus amigos já eram professores particulares, mas o que ainda me impedia além da falta de tempo era a insegurança. Principalmente quando ainda era estagiária, eu não conseguia me sentir confiante o suficiente ao ponto de me imaginar dando aulas e ainda via esse momento como algo muito distante que só aconteceria dali a alguns anos, mas a vida me surpreendeu com a chance de ser efetivada na escola onde trabalhava e finalmente consegui vencer esse obstáculo, que na verdade existia apenas na minha cabeça mesmo. Ao começar a atuar como professora, fui ganhando confiança e experiência, que na verdade já estavam sendo construídas também durante a experiência do estágio, e só então tive a coragem de pensar em colocar as aulas particulares em prática. Outras pessoas já haviam me procurado com esse objetivo anteriormente, mas eu sempre recusava as propostas e indicava algum outro colega professor, até que um amigo do meu irmão que morava no mesmo bairro que eu me procurou, conversamos e eu topei dar aulas de inglês para ele uma vez por semana.

As aulas com ele duravam cerca de duas horas e, como estava sendo minha primeira experiência, decidi cobrar apenas um valor simbólico. Sem sombra de dúvidas, a parte mais difícil para mim foi planejar as aulas, pois eu ainda estava aprendendo a conciliar o tempo de aula com as atividades, mas consegui criar um cronograma junto com meu aluno e fui me organizando cada vez mais com o tempo. Por sorte, esse aluno já possuía um nível de inglês intermediário e, além disso, era também muito interessado e esforçado, então isso me mantinha empolgada para elaborar e executar aulas de qualidade para ele. No entanto, o que

eu realmente queria destacar deste período é a forma com que as minhas experiências enquanto aluna e professora se misturaram durante este processo. Embora ele fosse o aluno naquele cenário, eu constantemente precisava estudar e lembrar conteúdos para que pudesse repassá-los da melhor maneira, principalmente os relacionados a gramática e fonética que, novamente, eram os pontos nos quais eu ainda tinha um certo medo de cometer erros. Durante as aulas então, quando eu estava repassando meus conhecimentos para ele, era o momento onde eu mais aprendia e, particularmente, este aspecto sempre me chamou muita atenção. Outro ponto que considero importante relembrar é que eu também fiz muito uso de música durante as aulas particulares, o que me leva novamente a pensar nos impactos da minha própria vivência enquanto aprendiz de língua inglesa. Acho possível, inclusive, fazer uma conexão direta entre isso, o tempo que passei estudando na UECE e a influência que o meu primeiro professor de inglês de lá teve sobre mim, já que ele também fazia muito bom uso da música em suas aulas. É nítido que, quando estamos ensinando, sempre acabamos utilizando como referência as coisas que funcionaram conosco quando éramos alunos e isso acaba tendo um peso bem maior do que imaginamos.

Lamentavelmente, as aulas particulares duraram apenas 6 meses pois eu acabei ganhando mais turmas na escola onde trabalhava e, como eu não queria que o meu aluno fosse prejudicado pela minha falta de tempo, que conseqüentemente acarretaria em uma queda na qualidade das aulas, decidi encerrar nosso “contrato”. Em compensação, até hoje não consigo definir qual de nós dois se beneficiou mais com essa troca, pois eu definitivamente aprendi muito durante esse tempo, tanto como estudante quanto como professora de língua inglesa, e é muito interessante observar como esse formato mais intimista e focado em pequenos grupos de alunos pode ser benéfico e extremamente produtivo. Para concluir, gostaria de ressaltar que tenho muita vontade de voltar a ser professora particular futuramente, pois sinto falta de vivenciar o ensino dessa maneira e gostaria de tentar ver como me saio com um grupo de alunos um pouco maior, ao invés de ter apenas um aluno por vez.

Felizmente, eu pessoalmente posso contar com o apoio da minha família, que tem sido um dos meus pilares durante essa jornada. Sem falar que os amigos professores que fiz no caminho também desempenham um papel fundamental, pois a troca de experiências e o apoio mútuo ajudam a me manter firme e motivada a me tornar uma profissional qualificada, além do fato de que, antes de se tornarem professores, eles também são estudantes de inglês assim como eu. Como dito anteriormente, infelizmente ainda não tenho tempo de estudar a língua inglesa mais profundamente como eu gostaria de fazer, mas como estou prestes a me formar na área, já estou começando a traçar os próximos passos. Primeiramente, gostaria

muito de realmente poder retornar ao ponto de partida e concluir um curso de inglês como o que tive a oportunidade de iniciar na UECE, pois acho essencial incluir isso no currículo. Futuramente também espero poder estudar tradução, pois as sementes plantadas pelas experiências com o LETRARE ainda desejam germinar, e quem sabe eu possa me desenvolver em uma nova área de atuação profissional além da sala de aula. Também sinto muita vontade de estudar ou trabalhar fora do Brasil, o que pode ser feito através de intercâmbios, por exemplo, e acredito que experiências como esta são valiosíssimas e muito enriquecedoras para aprendizes de segunda língua, pois estar em um país falante da língua que você estuda, imerso em sua cultura e em contato direto com seu povo com certeza deve ser um divisor de águas para o aprendizado.

Acredito que pelo fato do meu primeiro contato com o inglês ter sido através da música, acabei criando um laço emocional com a língua. É muito curioso e interessante lembrar que, quando mais novas, eu e minha melhor amiga tínhamos o hábito de mudar do português para o inglês quando queríamos falar sobre nossos sentimentos ou contar “segredos” uma para a outra, e fico me perguntando o porque disso acontecer e se há alguma relação direta entre esse comportamento e o bilinguismo. Imagino que, por falar duas línguas diferentes, as oportunidades de comunicação se tornam tão vastas que ganhamos o privilégio de “escolher” entre as línguas, dependendo do nosso objetivo final. Eu consigo lembrar que quando “brincava de falar inglês” com minha amiga na infância eu sentia como se tivéssemos uma habilidade especial, que nos tornava diferente das outras pessoas. Acho que no fim das contas, o que mais me fascina nisso tudo é que a capacidade de falar mais de uma língua traz consigo a possibilidade de enxergar o mundo de mais de uma forma. Ao longo do tempo eu fui aprendendo que nossas expressões, tom de voz, linguagem corporal e emoções mudam quando estamos falando uma outra língua, nossa forma de comunicar se molda de acordo com o nosso vocabulário, e o leque de mensagens que podemos transmitir se torna cada vez mais diverso conforme nos aprofundamos no aprendizado de um idioma.

Em resumo, ao considerar todas as experiências de aprendizagem que tive ao longo destes anos, pude perceber que minha proficiência em inglês melhorou significativamente em comparação a quando comecei a estudar a língua. Para além de me comunicar, o que eu busco com o aprendizado de inglês é me conectar, seja com pessoas, lugares, emoções, livros, música, arte, ou experiências. Como toda criança, desde muito nova sempre tive essa curiosidade e vontade de experimentar, conhecer e descobrir as coisas ao meu redor. É claro que isso era mais fácil durante minha infância e adolescência, pois na vida adulta as obrigações e responsabilidades são tantas que conseqüentemente acabamos nos

perdendo desses pequenos desejos, mas o inglês permanece para mim como uma porta aberta, sempre me permitindo olhar para fora, para longe e alcançar novos lugares. Por enquanto, posso dizer que minha jornada com o inglês tem me levado muito mais longe do que eu poderia imaginar, porém, ainda sinto que isso é apenas o começo. Em compensação, ao analisar a minha trajetória até aqui, pude perceber que sempre acabo voltando para o mesmo ponto: agora que já sou professora, se tornou muito difícil falar sobre minha experiência enquanto estudante sem relacioná-la com a vida de professora e vice e versa, porque para mim, estas duas coisas estão diretamente interligadas. É claro que cada estudante e professor trilha seu próprio caminho da sua própria maneira e a minha jornada pessoal com a língua inglesa não é igual a das pessoas que tiveram oportunidades diferentes, sejam elas melhores ou piores que as minhas. Entretanto, considero de alta importância refletir sobre essas experiências, pois no fim das contas são elas quem nos guiam e moldam nossos próximos passos, mesmo que às vezes não sejamos capazes de perceber essas influências.

Tanto é assim que, ao lembrar a minha própria história enquanto aprendiz de língua inglesa, tive a chance de pensar um pouco mais a respeito de questões que até então não havia me atentado o suficiente, principalmente relacionadas aos períodos mais antigos do meu aprendizado. Tais como o papel que a música e outras formas de arte desempenharam enquanto eu aprendia, a forma como a língua inglesa foi essencial para me ajudar a superar os problemas de socialização que tinha durante minha infância e adolescência, e o quão espontâneo e leve pode ser esse processo, pois na maior parte do tempo eu estava me divertindo sem pressão e em muitos momentos até sem consciência de que estava desenvolvendo uma nova habilidade. Por outro lado, essas reflexões também me permitem questionar esses processos e enxergar algumas problemáticas que até então eram apenas superficiais para mim, como as dificuldades e deficiências provenientes do autodidatismo, além da insegurança, ansiedade e pressão enfrentadas ao ingressar em um curso de graduação em língua inglesa e dar início a docência. Atualmente, após já ter iniciado minha carreira como professora de língua inglesa, as experiências que tenho ensinando ainda me fazem refletir bastante sobre a minha própria trajetória quando estava do outro lado da sala de aula, como aprendiz. Leciono há apenas dois anos e, apesar de ser pouco tempo, já consigo ter uma visão de como minhas vivências como aluna moldam minhas formas de ensinar, afinal acho um tanto quanto impossível se desprender completamente dessas interferências e me pego constantemente comparando e sobrepondo as imagens que tenho de mim mesma enquanto aluna e professora. No fim das contas, creio que estas duas coisas nunca estarão realmente separadas, se é que isto é mesmo necessário.

ANEXO B - DIÁRIOS REFLEXIVOS

Class 1 - 17/04/2023

Antes de começar a aula propriamente dita, separei um tempo no início para me apresentar aos alunos em português mesmo. Eles já haviam me visto antes, pois eu observei duas aulas da professora Simone antes de começar a regência, mas como não me conheciam, aproveitei para explicar sobre o estágio e que eu estarei à frente das aulas até o início de junho. Estava muito nervosa no começo, já que esta é minha primeira experiência dando aula para adultos, mas fui muito bem recebida pelos alunos e a professora Simone está me orientando de forma excepcional.

Iniciei a aula com a pergunta “What do you have inside your bag?”, para recapitular o assunto estudado nas aulas anteriores e fui anotando todos os exemplos dos alunos na lousa. Depois, fizemos a correção do homework que a profa. Simone havia passado sobre singular and plural nouns. Em seguida, demos início a lição 2B - Made in America, na qual trabalhamos colours, adjectives, modifiers, and how to describe things, focando bastante nas habilidades de listening e speaking. Durante todo o curso da aula, priorizei fazer com que eles trabalhassem a pronúncia das palavras, repetindo quantas vezes fosse necessário e escrevendo as palavras na lousa sempre que eles tivessem dúvidas. Também fizemos algumas atividades em dupla para que eles tentassem se comunicar entre si, e eu acompanhei e auxiliiei nos diálogos. A maior parte da aula foi feita em inglês, com apenas algumas interferências em português quando eu sentia a necessidade de esclarecer melhor alguma informação (geralmente em relação à gramática). Ao fim, atribuí o homework para quarta-feira e encerramos a aula. Todo o conteúdo foi ministrado dentro do tempo previsto no lesson plan.

Class 2 - 19/04/2023

Iniciei a aula pedindo que os alunos falassem exemplos de adjectives (assunto trabalhado na aula anterior) e fizemos uma lista na lousa, reforçando as pronúncias e os significados, depois fizemos a correção do homework, sobre o mesmo assunto. Em seguida, demos continuidade a lição 2B - Made in America, na qual introduzi o tópico long and short vowel sounds, que foi trabalhado durante toda a aula junto com os adjectives. O foco principal da aula foi a pronúncia, por isso fiz algumas atividades em dupla para que eles treinassem uns com os outros, com a minha assistência.

Como sugerido pela profa. Simone, nesta aula também trabalhei com eles a pronúncia das palavras cheap e sheep, reforçando a diferença entre os sons iniciais (/tʃ / /ʃ). Ainda me sinto bastante insegura ao trabalhar assuntos relacionados à fonética pois tenho um pouco de dificuldade com esta área, mas estou estudando e revisando estes conteúdos para superar essa barreira. Nesta aula, me esforcei um pouco mais para usar menos o português (só utilizar quando fosse solicitado) e tentei fazer uso de uma linguagem mais simplificada para facilitar a compreensão dos alunos.

Ao fim, atribuí o homework e encerramos a aula. Todo o conteúdo foi ministrado dentro do tempo previsto no lesson plan. No geral, estou muito satisfeita com o resultado da primeira semana, pois consegui fazer um bom planejamento e me preparar bastante, e até agora estou conseguindo conciliar com facilidade os conteúdos a serem ministrados e o tempo de aula disponível sem que haja sobrecarga. Os alunos também estão se mostrando muito receptivos e participativos, fazendo diversas perguntas durante a aula e demonstrando bastante esforço na realização das atividades.

Class 3 - 24/04/2023

Iniciei a aula pedindo que os alunos tentassem lembrar os 8 American icons que vimos na aula passada, depois fizemos a correção do homework que foi sobre um artigo que comparava British English com American English. Em seguida, finalizamos uma atividade de speaking da aula passada, que foi muito proveitosa pois todos os alunos conseguiram participar e praticar a oralidade com os adjectives. O restante da aula foi com a lição 2C - Slow down!, que já havia sido introduzida pela profa. Simone em uma vídeo lesson, então esse momento ficou reservado para a parte comunicativa da lição, que não pôde ser trabalhada online. Como mencionado, nesta aula discutimos as diferenças entre inglês britânico e americano, que no caso está sendo um dos meus pontos fracos pois ainda confundo bastante algumas palavras, entretanto, estou tendo uma ótima oportunidade de trabalhar mais esse aspecto. Durante as aulas, o sentimento mais frequente é que eu estou aprendendo junto com os alunos, pois a cada aula eu estudo novamente o conteúdo a ser trabalhado e todas as vezes acabo revendo algo que não lembrava mais ou até mesmo adquirindo informações novas.

Por fim, separei um momento para que eles fizessem uma pequena revisão das lições 1 e 2, por meio de uma atividade na qual eles puderam checar o que foi aprendido durante essas lições. A profa. Simone havia me dado umas atividades impressas para o fim da aula, mas não tivemos tempo de usá-la. Com exceção desta atividade extra, todo o conteúdo

foi ministrado no tempo previsto, e não foi atribuído homework pois as próximas aulas estão reservadas para as provas.

Class 4 - 26/04/2023

Hoje não houve aula presencial pois os alunos estão fazendo os Mid-term Exams (Use and Listening) pelo Google Classroom, então, eu e a profa. Simone decidimos nos reunir presencialmente na CCB e utilizar este tempo para elaborar a prova de Speaking, que será aplicada presencialmente na próxima quarta, dia 03/05.

Class 5 - 03/05/2023

Hoje não houve aula pois fizemos a aplicação da prova presencial de Speaking, segunda etapa dos Mid-term Exams. Comecei a aplicação da prova mais cedo, às 7h40, para que fosse possível atender todos os alunos. A prova foi feita em duplas ou trios, com perguntas e respostas sobre todo o conteúdo estudado durante o semestre até agora. Eu apliquei a prova sozinha, mas a profa. Simone ficou na sala me dando suporte. Finalizei tudo às 9h40 e todos os alunos conseguiram fazer a prova.

Class 6 - 08/05/2023

Iniciei a aula escrevendo na lousa os verbos drink/eat/drive/read e pedi para que os alunos dessem exemplos de palavras que podem aparecer depois desses verbos. Anotei todas as sugestões deles na lousa e assim introduzi o primeiro tópico da aula de hoje: common verb phrases. Com isso, entramos na lição 3A - Britain: the good and the bad, começando com alguns exercícios de áudio sobre verb phrases. Em seguida, os alunos leram um artigo no livro, fizeram alguns exercícios sobre present simple (+) and (-) e eu fiz uma breve explicação sobre a conjugação dos verbos na terceira pessoa do singular, assunto que será trabalhado mais a fundo nas próximas aulas.

Como combinado previamente com a profa. Simone, decidimos usar os 40 últimos minutos da aula de hoje para discutir os resultados dos Mid-term Exams com a turma. Neste momento, comecei explorando com eles as perguntas feitas durante o Speaking Exam e fizemos um grande apanhado sobre os erros mais comuns durante a prova, solucionando eventuais dúvidas, reforçando para a turma quais foram seus pontos fortes e quais tópicos

necessitam de um pouco mais de atenção da parte deles. Mencionei, por exemplo, os conteúdos relacionados a fonética/gramática, que foram as partes em que os alunos apresentaram maior dificuldade na prova, e sugeri que eles tentassem revisar novamente estes tópicos, a fim de superar seus pontos fracos. Depois, a profa. Simone fez também uma visão geral dos resultados das provas de Use and Listening, e eu aproveitei para conversar com cada aluno individualmente sobre seu desempenho/nota. Por fim, atribuí o homework para a próxima aula e dispensamos a turma.

Class 7 - 10/05/2023

Iniciei a aula fazendo um recap do artigo sobre Britain que lemos na aula passada e pedi que os alunos tentassem lembrar as 8 coisas mencionadas pela jornalista no texto. Em seguida, fizemos a correção do homework na lição 3A - Britain: the good and the bad, abordando novamente as verb phrases. Na segunda parte do homework havia um outro artigo a ser trabalhado, então, antes de fazer a correção da atividade, tirei um tempo para ajudá-los com o vocabulário, pois o texto continha algumas palavras que eles não conheciam ainda. Fiz uma lista com essas palavras na lousa e exploramos uma a uma, depois pedi para 6 voluntários fazerem a leitura do texto em voz alta, parando após cada parágrafo para checar as respostas do exercício. Este momento de leitura foi muito proveitoso, pois alguns alunos menos participativos conseguiram vencer a timidez de ler em voz alta, o que me deu a chance de reforçar algumas pronúncias e significados.

Na outra metade da aula foi possível retornar ao conteúdo sobre present simple (+) and (-), introduzido na aula passada. Consegui fazer uma boa explicação sobre o tema, mas em alguns momentos a profa. Simone também ajudou a esclarecer algumas dúvidas dos alunos, explicando a função do auxiliary verb “do”, por exemplo. Gostaria de destacar que tem sido realmente enriquecedor dar aulas com a assistência da profa. Simone, pois durante as aulas ela sempre me dá dicas e conselhos muito valiosos sobre que abordagem adotar em determinadas situações ou qual a melhor forma de executar certas atividades. A última atividade foi sobre final -s and -es e a pronúncia dos sons /s/, /z/ and /ɪz/. Por fim, atribuí o homework para a próxima aula e dispensei a turma.

Class 8 - 15/05/2023

Decidi introduzir a aula de hoje com um exercício sobre third person -s que não consegui fazer na aula anterior, no qual eles deveriam ouvir frases em um áudio e modificar seus verbos para a 3ª pessoa do singular, lembrando o conteúdo estudado na semana passada. Em seguida, tirei um tempinho para conversar com os alunos sobre um dos homeworks que eu havia passado na aula passada, que consistia em uma lousa interativa na qual eles deveriam adicionar complementos aos verbos para formar verb phrases. Notei que poucos alunos responderam esta atividade e alguns não conseguiram entender direito o que deveria ser feito, então, usei este momento para explicar novamente as instruções, esclareci suas dúvidas e estendi a data de entrega até a próxima aula. Posteriormente, seguimos para a correção dos homeworks na lição 3A - Britain: the good and the bad, sobre present simple (+) and (-)/third person -s. Nesta parte, aproveitei o conteúdo abordado no homework para colocar em prática dois exercícios de speaking: no primeiro eles compartilharam com a turma uma lista de coisas que eles gostam ou não gostam sobre seu país; e no segundo, feito em duplas, eles compartilharam 6 fatos sobre eles mesmos, sendo 3 afirmativos e 3 negativos.

Como passamos grande parte da aula nos exercícios de speaking, no fim da aula fiz apenas uma introdução da lição 3B - 9 to 5, que abordará o tema trabalho. Comecei falando um pouco sobre o meu trabalho, esclareci a diferença entre job (noun) e work (verb) e conversamos livremente sobre o tópico. Como não sobrou tempo suficiente para fazer os exercícios de gramática, finalizei após atribuir o homework para a próxima aula.

Class 9 - 17/05/2023

Comecei a aula projetando no quadro a lousa interativa sobre verb phrases que havia passado como homework na aula passada. Neste momento, fiz uma overview das respostas com a turma toda, identificando os erros e tirando dúvidas sobre o tópico. Acho que os alunos gostaram bastante desta parte pois fizeram muitas perguntas e passamos um longo tempo discutindo o assunto desta atividade. Na sequência, fizemos a correção dos homeworks na lição 3B - 9 to 5, entrando no assunto jobs, tema desta lição. No restante da aula trabalhamos o present simple (?) com a leitura de uma entrevista no livro, abordando principalmente o uso de do/does em perguntas.

Uma coisa que tenho observado durante o estágio é que eu, pessoalmente, tenho um pouco de dificuldade ao ser observada. A profa. Simone está assistindo todas as minhas

aulas e tem me dado um suporte maravilhoso, mas apesar de já estar acostumada com a presença dela, eu ainda sinto que a “pressão” de estar sendo avaliada afeta um pouco minha forma de conduzir a aula. No geral, creio que este sentimento seja apenas fruto do nervosismo mesmo e não acho que isso possa prejudicar minha experiência, pois até então tudo tem se desenrolado de forma bem satisfatória.

A aula de hoje seguiu um ritmo um pouco diferente, pois acabamos passando quase toda a primeira metade da aula analisando as respostas da atividade da lousa interativa, então acabei não conseguindo seguir o plano de aula da forma que havia planejado. Como não concluímos toda a parte de gramática programada para hoje, também tive que alterar o homework, que iria incluir exercícios desta seção.

Class 10 - 22/05/2023

Introduzi o tema da aula de hoje com as perguntas “What do you do?” e “What do your parents do?”. Primeiro, escrevi minhas próprias respostas na lousa para que eles tivessem uma ideia de como formar as frases, então, um a um, os alunos foram respondendo e eu fui fazendo uma lista com as diferentes respostas deles na lousa, auxiliando-os com as pronúncias e relembrando o significado de algumas palavras como *retired* e *unemployed*. Depois, seguimos para a correção do homework na lição 3B - 9 to 5, no qual os alunos fizeram alguns exercícios baseados no áudio de um game show chamado *His job, her job*. Uma das dicas que a profa. Simone havia me dado era que, principalmente durante a correção do homework, eu optasse mais por pedir que cada aluno responda uma questão individualmente do que deixar que eles respondam todos juntos, pois assim consigo ouvir cada um deles, verificar a pronúncia e identificar erros que talvez eu não percebesse com eles falando todos juntos.

Em seguida, revisamos um pouco mais o present simple (?) e o uso de *do/does* como auxiliary verbs. Por último, trabalhamos os sons /ɜ:/ e /ə/, e apesar da minha insegurança ao abordar tópicos de fonética, consegui explorar bem essa parte com os audios e exercícios de pronúncia. Guardei um tempo no fim da aula para explicar os homeworks, pois em um deles os alunos precisarão voltar àquela lousa virtual sobre verb phrases que usamos nas aulas anteriores para fazer um self-study. Nesta atividade, para cada verbo, eles devem escolher 2 complementos adicionados pelos colegas e os escreverem no caderno para praticar e estudar individualmente.

Class 11 - 29/05/2023

O conteúdo desta aula não saiu exatamente como planejado pois acabei me atrasando cerca de 15 minutos, então tive que fazer algumas adaptações. Eu havia preparado um jogo para o warm-up de hoje no qual os alunos teriam que fazer perguntas para tentar adivinhar a profissão de uma pessoa, e à princípio eu pretendia fazer 3 rodadas, mas por conta do atraso decidi fazer apenas uma. Esse momento, embora curto, foi bem proveitoso, os alunos se engajaram muito e eu pretendo utilizar novamente este jogo no futuro para trabalhar mais as perguntas e dar chance aos alunos que não ganharam dessa vez. O restante da aula correu dentro do tempo previsto, fizemos a correção do homework, no qual finalizamos a lição 3B - 9 to 5 e entramos na 3C - Love me, love my dog. Uma das coisas que estou tentando incorporar nas minhas aulas recentemente é fazer mais uso da lousa para me organizar durante a aula e fornecer um suporte visual aos alunos, o que tem funcionado muito bem e me ajudado bastante.

A aula de hoje foi mais focada nas habilidades de listening e speaking. Fizemos uma sessão inteira de exercícios com áudios, o que acabou abrindo um ótimo espaço para discussão e os alunos fizeram muitas perguntas sobre o tema. No geral, a aula foi bem produtiva, o único ponto negativo é que preciso trabalhar um pouco mais a questão da pronúncia de algumas palavras, pois ainda confundo muitas coisas do inglês britânico com as do americano, e preciso me atentar mais a isso para que os alunos não acabem confundindo também. Por fim, atribuí o homework para a próxima aula e expliquei que uma das páginas é apenas para estudo, pois em breve iremos começar a trabalhar a escrita.

Class 12 - 31/05/2023

Comecei a aula com as seguintes perguntas: Do you have pets? If it's a dog, what kind of dog is it? Who usually takes it for a walk?, e com elas abri uma discussão sobre pets/dog breeds, assunto trazido na aula anterior e que os alunos gostaram muito. Depois fizemos a correção do homework na lição 3C - Love me, love my dog.

A aula de hoje teve como foco principal o tema word order in questions/question words, que abordamos de forma dinâmica e com base na comunicação. Ao explorar as question words, trabalhamos também a pronúncia dos sons de /h/ (who) e /w/ (what), assim como sentence stress. Eu reconheço que tive bastante sorte por pegar uma turma muito bem engajada e participativa, pois eles sempre trazem perguntas relevantes e pedem exemplos

quando eu introduzo algum tópico novo, o que facilita bastante meu trabalho e faz com que a aula flua mais naturalmente, sem que eu fique “falando sozinha”. Um exemplo disso é que nas atividades de speaking que fazemos em duplas ou grupos, eles se esforçam bastante para deixar a timidez de lado e praticar a oralidade, o que é muito gratificante e me dá uma sensação de que estamos indo pelo caminho certo. Imagino que se eu tivesse pegado uma turma menos participativa talvez estivesse enfrentando mais dificuldades em relação a isso, pois nesses casos a aula pode acabar se tornando maçante demais.

Por fim, atribuí o homework para a próxima aula e expliquei que um deles seria feito por meio do Google Classroom, no qual eles devem montar um personal profile, como o exemplo que vimos no livro. Avisei também que a reposição da aula do dia 24/05 será feita nesta sexta-feira de forma online pelo Google Meet.

Class 13 - 02/06/2023

A aula de hoje foi bem atípica pois foi realizada de forma online através do Google Meet, para repor a aula do dia 24/05, e como não tenho muita experiência com aulas online, acabei tendo um pouco de dificuldade na condução da aula. Uma delas foi a falta do quadro, pois considero essa uma ferramenta valiosa e foi bem difícil não poder usá-lo hoje. Outra coisa que é bem diferente nesse ambiente virtual é a participação dos alunos, que diminuiu consideravelmente na aula online comparado com a resposta deles no contexto presencial. Também tive problemas com a administração do tempo, pois o ritmo da aula foi mais lento e menos dinâmico que o normal, então só conseguimos realizar 3 das 7 atividades programadas para hoje. Algumas seriam exercícios de conversação, e em outra eu planejava pedir que alguns voluntários fizessem a leitura de um artigo em voz alta, porém, frente aos empecilhos desse contexto, optei por deixar essas atividades para uma de nossas aulas presenciais, para que seja possível aproveitá-las de forma mais abrangente. Apesar dessas dificuldades, as 3 atividades que fizemos foram bastante produtivas, deram bons resultados e me renderam um ótimo aprendizado, pois nas próximas experiências online que tiver, tentarei me atentar um pouco mais a essas limitações e buscar alternativas para evitar quedas na qualidade da aula.

No mais, o conteúdo trabalhado hoje foi o final da lição 3C - Love me, love my dog (word order in questions/question words) e o início da 4A - Family photos (family members/possessive 's, whose). Creio que as próximas aulas serão bem calorosas pois os alunos demonstraram muito interesse no conteúdo dessa nova lição.

Class 14 - 05/06/2023

Como acabei dando uma atrasada no conteúdo por causa da aula online, hoje já começamos indo direto para a correção do homework na lição 4A - Family photos, no qual demos continuidade aos temas introduzidos na aula passada (possessive 's, Whose, family members). As atividades subsequentes foram sobre esses mesmos temas e tivemos uma boa oportunidade de trabalhar bem mais a fundo a questão do possessive 's. Como percebi que eles estavam com muita dificuldade nesse tópico, fiz questão de caprichar bem mais nas explicações e dei espaço para que eles tirassem todas as dúvidas. Já mais pro finalzinho da aula trabalhamos um pouco os sons da letra o (/ɒ/, /ɔʊ/, /ʌ/, and /u:/), mas por conta do tempo não consegui finalizar todas as atividades desse tópico que havia programado para hoje. Essa parte não foi tão proveitosa quanto as anteriores, pois novamente, minha falta de confiança ao abordar fonética ainda me prejudica um pouco, contudo, como vamos continuar este assunto na próxima aula, creio que poderei compensar.

Uma coisa que gostaria de ressaltar sobre esta experiência é sobre o diferencial do teacher's guide que estou utilizando. Obviamente não sigo a risca tudo que está lá pois muitas coisas precisam ser devidamente adaptadas ao contexto da turma, mas todo o material em si é muito bom e de fácil compreensão, o que facilita muito todo o trabalho, considerando o fato de que geralmente não temos tempo para planejar minuciosamente todas as atividades. O material também disponibiliza várias atividades extras, incluindo jogos, que ajudam a enriquecer tanto o planejamento quanto a execução das aulas.

Class 15 - 07/06/2023

Eu planejava iniciar a aula de hoje com o jogo sobre relatives, mas como os alunos demoram para chegar, decidi começar com a correção do homework na lição 4A - Family photos, trabalhando novamente possessive 's, Whose, e family members. Após a correção, quando já havia um bom número de alunos presentes, dividi a classe em duplas para dar início ao jogo. Li pra eles as instruções (parando para reforçar alguns significados quando necessário), distribuí o material e expliquei que o objetivo era que eles montassem a family tree de um casal de acordo com as dicas fornecidas pelas cartas que eles receberam, e a primeira dupla a completar a tarefa corretamente ganharia os chocolates trazidos por mim.

Deixei esta atividade para hoje, pois, como era meu último dia na turma, queria fazer algo mais descontraído sem fugir dos temas trabalhados no momento. O jogo foi um

sucesso, eles se empenharam muito e fizeram várias perguntas durante a correção das respostas da dupla vencedora. Em seguida, usei o tempo restante da aula para retornar a atividade sobre os sons da letra o (/ɒ/, /əʊ/, /ʌ/, and /u:/), que não finalizamos na aula passada. Ainda tive um pouco de dificuldade com essa parte hoje, mas tentei ser o mais clara e organizada possível para ajudá-los a compreender a diferença entre os sons, utilizando os áudios e exercícios de pronúncia. Finalizei a aula com mais uma rápida atividade sobre family members, pois a profa. Simone me pediu para encerrar a aula 10 minutos mais cedo para que tivéssemos um breve momento de despedida. Apesar do nervosismo ainda estar presente, me sinto bastante satisfeita com o resultado dessa experiência no geral, e a sensação de dever cumprido é realmente muito boa!